

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

RODRIGO SOUZA ALVES

Anticomunismo nas Forças Armadas: Um estudo de caso à partir de monografias da Escola de
Comando e Estado-Maior do Exército

SÃO CARLOS -SP

2023

RODRIGO SOUZA ALVES

ANTICOMUNISMO NAS FORÇAS ARMADAS: Um estudo de caso à partir de monografias da
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner.

São Carlos-SP

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Folha de Aprovação

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado

Universidade Federal de São Carlos

À minha mãe, meu irmão, e todos que me ajudaram em meu processo de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família, que apesar dos pesares, me apoiou durante toda minha graduação. Em especial, agradeço minha mãe Aparecida que sempre esteve ao meu lado - mesmo as vezes discordando de meus posicionamentos - e meu irmão Leonardo, uma das minhas maiores fontes de inspiração.

Em segundo lugar, agradeço todos os professores do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, entre os quais destaco Igor José de Renó Machado, que me ajudou no processo de aprendizado para a construção das referências bibliográficas presentes nesta monografia e também gentilmente aceitou ler e redigir o parecer de aprovação dela. Sou grato à Gabriel Ávila Casalecchi, que no início de minha graduação gentilmente convidou recém ingressantes no curso a comporem seu grupo de pesquisa sobre comportamento político, grupo este onde aprendi muito sobre a produção de pesquisas acadêmicas. Nesta mesma linha, devo agradecer também meu orientador Piero Leirner, que além da paciência e compreensão durante a produção desta monografia, foi responsável por me introduzir ao campo de pesquisas sobre Forças Armadas no Brasil e por demonstrar a enorme importância política e social desta área por via de suas esclarecedoras discussões sobre o contexto em que vivemos, marcadas por associações de difícil identificação e por sua linguagem cativante. Não posso deixar de mencionar também os nomes de Vera Alves Cepêda, Anna Catarina Morawska Vianna, Aline Fonseca Iubel e Geraldo Luciano Andrello, os quais devo importantes momentos de minha formação e que se tornaram fontes de inspiração durante os anos de minha graduação. Agradeço também a todos os funcionários e funcionárias que constroem a UFSCar, pois sem eles nada disso seria possível. Do mesmo modo, agradeço ao povo brasileiro, proprietários de todas as universidades públicas que me possibilitam uma formação de excelência no campo das ciências sociais.

Integram aos meus agradecimentos os estimados colegas de discussão Mateus França Holmo, Melaní Garcia, Talissa Gabriela Rivotrati (Liss) e Guilherme Alessandro Lemos da Silva Moreira. É necessário destacar que esta pesquisa não seria possível sem os valiosos ensinamentos de Marcelo Pimentel Jorge Souza, Manuel Domingos Neto, Romulus Maya e a rede do Duplo Expresso, a eles devo os caminhos tomados em minha formação.

Finalmente, agradeço Guilherme de Lima, Lucas Murta, Gustavo Surita, Jonas Arjona, Arthur Fiorati Faria, André Ramatis Wanderley Junior, Pedro Ximenes, Antônio Polli, Rubens Lucas Filho, André Luiz Freitas de Moraes, Gustavo Teruo Kochi e Bruno Justi Ribeiro, amigos que trazem júbilo a minha vida todos os dias e que me encorajam a seguir adiante neste campo.

RESUMO

Em uma entrevista ao BandNews TV no dia 31 de janeiro de 2023, o Ministro da Defesa José Múcio Monteiro afirmou que vai “ter que negociar” o fim das comemorações de 31 de março. Essas comemorações fazem referência a um momento vergonhoso da história de nosso país: a data da deposição do presidente João Goulart que deu início ao golpe de Estado de 1964, uma conspiração envolvendo civis e militares para derrubar o governo vigente, tendo como justificativa o combate à infiltração comunista em nossa pátria e se pautando pelo imaginário anticomunista enraizado na sociedade brasileira desde 1930. Tendo como base este contexto, o presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar a relação existente entre os militares - em específico os membros do Exército - e o conjunto de ideias anticomunistas utilizadas pela direita recentemente no Brasil. Para atingir esse objetivo, foi feita uma definição geral do que se entende como anticomunismo, em conjunto com uma discussão sobre a relação histórica das ideias anticomunistas com as Forças Armadas e a transformação dessa ideologia na atualidade. Ao final da pesquisa foi realizada uma análise de duas monografias de oficiais formados na ECEME em 2019 que demonstram a influência da ideologia anticomunista no principal passo do processo de formação dos oficiais do Exército, onde pôde-se identificar que o anticomunismo ainda cumpre no imaginário dos militares o papel de legitimar suas possíveis intervenções na sociedade civil.

Palavras-chave: Exército Brasileiro. Anticomunismo. ECEME. Olavo de Carvalho. Sérgio Avellar Coutinho.

ABSTRACT

In an interview with BandNews TV on January 31, 2023, Defense Minister José Múcio Monteiro stated that he will “have to negotiate” the end of the March 31 celebrations. These celebrations make reference to a shameful moment in the history of our country: the date of the deposition of President João Goulart, which began the 1964 coup d'état, a conspiracy involving civilians and the military to overthrow the current government, with the justification of combating a communist infiltration in our homeland and guided by the anticommunist imaginary rooted in Brazilian society since 1930. Based on this context, this course conclusion work aimed to analyze the relationship between the military - in particular the members of the Brazilian Army - and the set of anticommunist ideas used by the right recently in Brazil. To achieve this objective, a general definition of what is understood as anticommunism was made in conjunction with a discussion about the historical relationship of anticommunist ideas with the Brazilian Armed Forces and the transformation of this ideology today. At the end of this research, an analysis of two monographs of officers trained at ECEME in 2019 was carried out, demonstrating the influence of anticommunist ideology on the main step in the process of training Army officers to one day reach the generalship, where it was possible to identify that anticommunism still fulfills in the imagination of the military the role of legitimizing their possible interventions in civil society.

Keywords: Brazilian Army. Anticommunism. ECEME. Olavo de Carvalho. Sérgio Avellar Coutinho.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 ORGANIZAÇÕES DE ESQUERDA NO BRASIL.....	29
FIGURA 2 PERSONALIDADES DO SISTEMA FABIANO NOS ESTADOS UNIDOS.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	10
2 ANTICOMUNISMO: DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	16
2.1 MATRIZES DO ANTICOMUNISMO.....	16
2.1.1 A MATRIZ CRISTÃ.....	17
2.1.2 A MATRIZ LIBERAL.....	18
2.1.3 A MATRIZ NACIONALISTA.....	19
2.2 O ANTICOMUNISMO NAS FORÇAS ARMADAS.....	22
2.2.1 A INTENTONA COMUNISTA.....	22
2.2.2 A DOCTRINA FRANCESA.....	25
2.2.3 PRODUÇÕES DA BIBLIEX, OS GRUPOS DE INTERESSE PÓS-DITADURA E O ORVIL.....	27
2.3 O PROJETO GRAMSCIANO E O MARXISMO CULTURAL: O MCI NO SÉC. XXI.....	33
2.4 OLAVO DE CARVALHO E SEU TRADICIONALISMO <i>SUI GENERIS</i> : A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE CRENÇAS.....	36
2.4.1 SOBRE O DEBATE ENTRE OLAVO DE CARVALHO E ALEKSANDR DUGIN.....	39
2.5 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	41
3 UMA ETNOGRAFIA TEXTUAL DE TESES DA ECEME.....	43
3.1 A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MARXISTA E A LUTA PELA HEGEMONIA CULTURAL DA PERSPECTIVA DO EXÉRCITO.....	43
3.2 CONCLUSÕES PARCIAIS SOBRE A PRIMEIRA TESE.....	48
3.3 O GLOBALISMO E O PAPEL DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	49
3.4 CONCLUSÕES PARCIAIS SOBRE A SEGUNDA TESE.....	55
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 - INTRODUÇÃO

Em uma entrevista ao BandNews TV no dia 31 de janeiro de 2023, o Ministro da Defesa José Múcio Monteiro afirmou que vai “ter que negociar” o fim das comemorações de 31 de março.¹ Essas comemorações fazem referência a um momento vergonhoso da história de nosso país: a data da deposição do presidente João Goulart que deu início ao golpe de Estado de 1964, uma conspiração envolvendo civis e militares para derrubar o governo vigente, tendo como justificativa o combate à infiltração comunista em nossa pátria e se pautando pelo imaginário anticomunista enraizado na sociedade brasileira desde 1930. É no mínimo preocupante que ao sairmos de um governo com um forte protagonismo militar - talvez seja mais preciso dizer um governo *de facto* controlado por uma “central de comando e controle” militar² - ainda existe dificuldade em se proibir a celebração de um dos momentos mais obscuros de nossa história. A data deveria ser lembrada em memória das vítimas da ditadura militar, não de seus algozes.

De acordo com o atual comandante do exército, General Tomás Paiva, essa data não será comemorada.³ Essa ação, entretanto, muito provavelmente faz parte do “*rebranding*” de despolitização das forças que os militares vêm fazendo desde a derrota de Bolsonaro; no entanto, parece que tal movimento merece alguma ressalva, visto que o atual Comandante do Exército foi Comandante da AMAN em 2014, ano que Carlos Bolsonaro grava um vídeo em que seu pai, Jair Bolsonaro, é recepcionado por aspirantes da AMAN com palmas enquanto o chamam de líder⁴. É importante lembrar que fazer propaganda eleitoral dentro de áreas militares ou sob administração Militar é crime - crime esse que, de acordo com Manuel Domingos Neto, foi endossado pelo comando na época (NETO, 2022, p. 32).

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnvJzti8ahc>. Acesso em 10/02/2023.

² LEIRNER apud. MENDES, 2021.

³ Contrário a posição do comandante do exército, o Clube Militar informou que pretende celebrar o 31/03. Por mais que não esteja subordinado às regras do Exército, ainda existe um grande simbolismo importante a ser extraído deste evento. De acordo com o antropólogo Guilherme Lemos: “Mantida a iniciativa de uma comemoração do Clube Militar, ficará demonstrada não somente a manutenção de uma cultura autoritária e saudosista da Ditadura no meio militar brasileiro como um todo, mas também o desejo de se produzir um 'radicalismo' por contraste ao Alto Comando do Exército.” (disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/03/13/contra-posicao-do-comandante-do-exercito-clube-militar-vai-celebrar-3103.htm>)

⁴ Sobre essa cena, o General Tomás Paiva, em um áudio supostamente vazado de uma reunião sigilosa, afirma que a recepção de Bolsonaro pelos aspirantes da Academia simplesmente “aconteceu, como algumas coisas acontecem que escapam do nosso controle”, pois ele estava ocupado com outras tarefas no dia do ocorrido. O ex-presidente Bolsonaro, de acordo com o general: “foi ali, ele foi, ele foi, ele foi e chegou nos aspirantes e falou e aquilo ali, foi filmado e virou um... um *start* da campanha dele, e ele foi aplaudido como qualquer outro cara. Se chegasse ali o Coronel Carvalho Lima, que era coronel na época, em 2014 devia (sic.) ser coronel, chegasse lá e falasse ‘e aí aspirantada, vambora (sic.) e o caramba’, [seria aplaudido também] porque o cara [no caso, os aspirantes] tá eufórico, certo?” (CARLOS ALBERTO JR., 2023).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação existente entre os militares - em específico os membros do Exército - e o conjunto de ideias anticomunistas utilizadas pela direita recentemente no Brasil. Para atingir este objetivo, pretende-se inicialmente definir o que se entende como anticomunismo, sua relação histórica com as Forças Armadas e a transformação dessa ideologia na atualidade. Em seguida, buscarei demonstrar como as ideias anticomunistas se manifestam nas teses de oficiais formados na ECEME, tomando como base duas teses de 2019, *A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural* do Maj Eng Francisco Machado Parente Neto e *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*, do Maj Cav Mateus Fernandes Brum da Silva.

Desta forma, na primeira parte de minha monografia faço uma descrição e análise do que se entende por anticomunismo, uma recuperação de seu histórico nas Forças Armadas e como esse pensamento se expressa nos meios militares em nossa história recente. Não me estendi muito nas descrições do anticomunismo em si, pois o objetivo central deste trabalho não é realizar uma revisão bibliográfica sobre o anticomunismo, mas sim compreender a relação do imaginário anticomunista com as Forças ou o Exército para dar lastro ao que se busca observar nas monografias dos oficiais da ECEME.

Na segunda parte desta monografia, analiso as idéias do imaginário anticomunista presentes na monografia *A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural* do Maj Eng Francisco Machado Parente Neto e na monografia *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*, do Maj Cav Mateus Fernandes Brum da Silva. Acredito que a validade da análise da primeira tese se torna evidente já em seu título; a segunda idem, mas além do título esta possui em sua dedicatória uma demonstração de admiração pelo pensador de direita Olavo de Carvalho⁵. Ambas essas teses discutem assuntos caros ao imaginário anticomunista, como a idéia de uma revolução cultural gramscista, a existência do movimento comunista internacional (MCI) e o controle dos rumos da humanidade por elites globalistas que instrumentalizam movimentos sociais para seus benefícios, por exemplo.

1.1 - JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Tendo como perspectiva o itinerário desta pesquisa descrito na introdução, busco com esta monografia ajudar na compreensão do pensamento militar sobre o tema do anticomunismo, e como este fenômeno influencia as decisões desta instituição no quesito de suas atuações na política

⁵ Observa-se a seguinte frase nos agradecimentos da tese: “Ao professor Olavo Pimentel de Carvalho, por ter avisado sobre os perigos contra a nação, quando ninguém acreditava”.

brasileira em nossa história recente. É difícil ignorar o impacto da influência militar na política brasileira na história de nosso país, em especial devido a recente politização das forças armadas que ocorre pelo menos desde 2016:

“Brasília, 5 de fevereiro de 2016. Os 17 generais-de-exército participavam da 304ª Reunião do Alto Comando do Exército (RACE) numa sala do Quartel-General (...) Naquela oportunidade, enquanto assistiam a mais uma apresentação *Powerpoint*, suas preocupações voltavam-se ao Palácio do Planalto. Uma presidente com baixíssimos índices de aprovação amargava o início de um traumático processo de impeachment. No *Powerpoint*, o chefe do órgão de comunicação social discorria sobre resultados da última pesquisa de opinião, que mostrava as FA como uma das instituições de maior credibilidade e confiança na sociedade brasileira. (...) Como ‘o exemplo vem de cima’, a situação atual dos generais-de-exército presentes naquela reunião explica muito, mas não tudo, do que vem ocorrendo desde 1º de janeiro de 2019 – a ocupação de espaços políticos no governo Bolsonaro. Hoje, milhares de militares das FA exercem tarefas políticas e administrativas na estrutura organizacional da máquina pública em cargos de comissão. São oficiais-generais, superiores, subalternos e praças, na ativa e na reserva, que ajudam o capitão a governar como se fosse, de fato, um ‘governo militar’.” (SOUZA, 2021, p. 125 e 126 in.: MARTINS FILHO, 2021)

Essa politização carregou em seu bojo a necessidade de combater uma suposta ameaça comunista advinda dos “planos gramscistas de revolução cultural da esquerda”, algo que se conservou desde o fim da ditadura militar no imaginário das forças armadas⁶. O “revival” anticomunista que veio a tona em 2014 contra a candidatura de Dilma Rousseff se mostrou como uma retórica eficiente para se galvanizar simpatias e estabelecer um projeto de conquista do poder. Por mais que tivesse uma forte marca da indústria do anticomunismo⁷, ainda sim houve um forte alastramento destas ideias por inúmeros setores e grupos. É inegável que o anticomunismo (adaptado para o antipetismo em nosso atual contexto político⁸) foi uma das mais importantes e efetivas ferramentas para a eleição do ex-presidente Bolsonaro e a nova conquista do poder realizada pelos militares que o

⁶ O exemplo mais patente deste tipo de pensamento é o livro de Sérgio Avellar Coutinho, *A Revolução Gramscista no Ocidente*, publicado originalmente pela editora Ombro a Ombro em 2002 e republicado pela BIBLIEx em 2016. Neste livro, o autor argumenta com base em seu “estudo” do comunista italiano Antonio Gramsci que os comunistas agora movem sua guerra não pelos fuzis, mas precisamente por uma “batalha cultural” dentro do regime democrático. (ORTEGA & MARIN, 2019).

⁷ “A expressão ‘indústria do anticomunismo’ foi cunhada para designar a exploração vantajosa do ‘perigo vermelho’. Industriais do anticomunismo seriam aqueles manipuladores que tiravam proveito do temor ao comunismo. Normalmente, tal operação implicava em supervalorizar a influência real do Partido Comunista e dos supostos objetivos imperialistas da URSS, criando uma imagem propositadamente deformada da realidade. Em certas situações não se tratava de criar, mas apenas de explorar um medo já existente. O objetivo era aproveitar-se do pavor provocado pelo comunismo, seja convencendo a sociedade da necessidade de determinadas medidas, seja colocando-se na condição de campeão do anticomunismo para daí auferir vantagens.” (MOTTA, 2020, p. 202).

⁸ “Não há dúvida que a candidatura Bolsonaro se amparou na tradição anticomunista, que foi reapropriada e adaptada aos novos tempos, o que contribuiu de maneira central para a construção do antipetismo. Há semelhanças e singularidades entre antipetismo e anticomunismo, que alguns propagandistas de direita procuram sintetizar (de maneira simplória) com a fórmula comuno-petismo.” (MOTTA, 2019, p. 3)

acompanharam. Ainda que a literatura que tem recentemente examinado a ascensão da extrema-direita no Brasil tenha detectado o anti-comunismo como um dos ingredientes retóricos e ideológicos de seu sucesso, é notável que há ainda uma lacuna em pensar como este tema foi mobilizado dentro da caserna.

É assim necessário também justificar o porquê do uso das teses da ECEME neste estudo para compreender o pensamento militar. A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) é o estabelecimento de ensino de mais alto nível do Exército Brasileiro. Localizada no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro, tem a missão de preparar oficiais superiores para o exercício de funções de Estado-Maior, comando, chefia, direção e assessoramento. Em outros termos, ela é um pré-requisito na formação de um oficial (quando está no posto intermediário de major) que tenha pretensões em chegar ao topo da hierarquia, na função de general. Além disso, a Escola coopera com os órgãos de direção geral e setorial no desenvolvimento da doutrina para o preparo e o emprego da Força Terrestre. Ela está diretamente subordinada à Diretoria de Educação Superior Militar (DESMil), do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) (ECEME, 2019). Desde 2001, a ECEME conduz sua Pesquisa e Pós-Graduação nos níveis *Lato Sensu* (Especialização) e *Stricto Sensu* (Mestrado) e, a partir de 2005, o *Stricto Sensu* (Doutorado), todos em Ciências Militares. O *Stricto Sensu* encontra-se credenciado junto a CAPES, tanto o mestrado como o doutorado, e destina-se a militares e civis, nacionais ou estrangeiros, com o objetivo de formar profissionais de alta qualificação (INSTITUTO MEIRA MATTOS, 2016).

Em uma pesquisa realizada por Leirner entre 1992 e 1995 e publicada em 1997⁹, a ECEME foi vista não somente como uma etapa burocrática na carreira militar, mas também como um centro que sintetiza toda uma noção de “elite” para dentro da vida militar (e fora dela, inclusive). A Escola serve, portanto, como um filtro institucional, que ao selecionar alguns membros em detrimento de outros (cerca de 10% dos postulantes conseguem uma vaga, em concurso que se abre anualmente), acaba determinando a formação de uma “cúpula” de oficiais com possibilidade de chegar ao generalato. Em termos das atribuições militares que a ECEME propicia, está a habilitação para se comandar unidades militares de forma combinada (isto é, com presença de diferentes “Armas”, como infantaria, cavalaria, artilharia, etc). Enquanto um oficial subalterno se restringe à liderança de pequenas unidades específicas à Arma que ele pertence, os oficiais gerais podem comandar grandes unidades, ou seja, estão aptos a dar ordens que envolvem vários níveis de subordinação. A ECEME tem o papel de ser um centro que congrega a experiência anterior de oficiais superiores em unidades de tropa, a experiência de oficiais instrutores, a experiência de oficiais gerais que lá vão

⁹ LEIRNER, Piero. Meia-volta volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

dar palestras e a experiência do contato com civis que também proferem conferências e participam de debates e cursos. O resultado final disso, após a releitura pela ótica militar das contribuições externas, é a produção de avaliações da realidade que são aproveitadas no conjunto doutrinário, sendo aplicadas nas disciplinas lá ministradas e sinteticamente agrupadas em monografias de final de curso. É importante destacar que:

“(...) os oficiais concluintes do curso de estado-maior funcionam concomitantemente como reformuladores de doutrina e ‘caixas de ressonância’ na propagação da mentalidade militar, pois na qualidade de chefes qualificados exercem considerável influência em instituições hierarquizadas” (SOARES, 1994:15 apud LEIRNER, 1997).

Um outro ponto a ser destacado sobre a Escola de comando é sua função como “ponte” de ligação com as elites intelectuais do campo civil. A formação dos oficiais, como já foi apontado, é influenciada por influxos externos à instituição, onde os militares aproveitam a “visão da sociedade” oriunda das falas de convidados de diferentes setores sociais. De forma simultânea, o Exército realiza atividades técnicas de educação e estabelece contatos através dos quais pretende passar uma visão de mundo. Trata-se, então, de um lugar em que a caserna se mostra para a sociedade e ao mesmo tempo a vê, uma função que era semelhante à exercida pela ESG nos anos 1950 - 1960. Como esse processo se dá em uma via de “mão dupla”, a escola acaba absorvendo o que lhes interessa de fora e transmitindo o que produzem internamente em espaços seletos de interesse do exército (como o Instituto Liberal, por exemplo). Esse intercâmbio de ideias entre “paisanos” e militares aparece nas teses produzidas até hoje. Um bom exemplo disso pode ser visto no tema de uma das monografias de 2019: *Análise comparativa da Liderança Militar e Empresarial no contexto do mundo VUCA : desafios e oportunidades* do Maj Inf Rafael José Vieira Barreto (veremos também na Parte 3 da presente monografia que isso ainda é um assunto de grande interesse dos militares quando analisarmos a tese *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*).

Além da importância desta instituição de ensino na formação da visão de mundo dos militares, a importância dessas monografias pode ser resumida da seguinte forma:

“As monografias finais de curso de estado-maior são atividades obrigatórias para a titulação do aluno. Devem ser feitas individualmente e hoje [1995] representam cerca de 10% do peso da conceituação final do curso. Essa conceituação pode alterar a antiguidade do oficial dentro da sua patente e da sua turma da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras). Cabe ressaltar que a *antiguidade* não é apenas um conceito que se refere a uma ordem temporal, mas sim um indicador da posição de cada oficial na escala hierárquica - até os de mesma patente. Tal conceito substancializa uma ordem de *classificação*, combinando-a com o ano de formatura nas escolas e com a patente que o indivíduo tem. Todos, sem exceção, ocupam um lugar respectivo na escala de *antiguidade*. (...) Pode-se dizer que na ECEME ocorre

uma das últimas grandes chances de se avançar consideravelmente na *antiguidade*, e, por isso, as monografias adquirem uma relevância ainda maior.” (LEIRNER, 1995, p.123)

Portanto, a ECEME parece ser uma espécie de “entroncamento” onde temos a possibilidade de ver como as ideias e as carreiras militares se entrelaçam. Tenho como objetivo geral aprofundar o conhecimento sobre o pensamento dos militares na ativa, com um enfoque para as suas visões dos rumos que tomam política brasileira e como observam os impactos dos atuais agentes políticos da esquerda nesses rumos. Os objetivos específicos para a construção desse conhecimento serão, primeiramente, uma descrição e análise do que se entende por anticomunismo, uma recuperação de seu histórico nas Forças Armadas e como esse pensamento se expressa nos meios militares em nossa história recente. Em seguida, serão correlacionadas algumas das idéias do imaginário anticomunista com as teses *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*, do Maj Cav Mateus Fernandes Brum da Silva e *A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural* do Maj Eng Francisco Machado Parente Neto.

A metodologia utilizada nesta monografia foram uma revisão bibliográfica sobre o anticomunismo e sobre esse fenômeno nas forças armadas, e em seguida foi realizada uma análise de algumas das idéias do imaginário anticomunista que aparecem nas teses *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*, do Maj Cav Mateus Fernandes Brum da Silva e *A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural* do Maj Eng Francisco Machado Parente Neto dentro dos moldes da “etnografia textual” utilizada por João César de Castro Rocha em seu livro *Guerra Cultural e Retórica do Ódio (Crônicas de um Brasil pós-político)*¹⁰. Faço isso pois seria difícil - senão impossível - realizar um trabalho de campo com um militar da ativa sobre as posições anticomunistas do exército atualmente (como veremos de acordo com suas visões sobre a universidade brasileira), e o meio mais efetivo para compreender o que os militares entendem sobre este assunto seria justamente por via da leitura de teses que representam o pensamento dos militares da ativa em um momento crucial de sua formação.

Produzir um trabalho de pesquisa sobre militares não é um processo trivial. Exemplos das dificuldades no trabalho de campo com os militares podem ser encontrados no livro *Antropologia dos Militares: Reflexões sobre pesquisas de campo* organizado por Piero Leirner e Celso Castro. De acordo com Aline Iubel em sua resenha sobre o livro:

¹⁰ De acordo com o autor, a ideia pode ser explicada da seguinte forma: “(...) Ora, assim como seria absurdo imaginar um antropólogo que, diante da narração de um mito de origem, interrompesse seu informante para ‘corrigir’ este ou aquele dado, de igual modo, busco descrever, da forma a mais acurada que conseguir, a lógica interna da mentalidade bolsonarista.” (ROCHA, 2022, p. 16). Em nosso caso, buscaremos descrever de forma mais acurada possível a lógica interna da mentalidade dos formandos da ECEME e por extensão a de seus orientadores.

“Para além da demora nos processos de autorização, depois de iniciadas as pesquisas em instituições militares foram comuns situações nas quais os pesquisadores se viram ‘colocados à prova’, ‘testados’, ‘dissuadidos’, ‘controlados’ ou ‘vigiados’. Leirner ressalta a constante tentativa de controle dos etnógrafos por parte dos militares, grupo que têm de antemão regras explícitas e protocolos que tanto servem para suas próprias condutas quanto para o que deve ser a conduta dos outros, donde que, nas pesquisas etnográficas com militares parece haver pelo menos duas inversões: a) do olhar antropológico: segundo Leirner, ‘tudo se passa como se aquilo que o antropólogo procura implicitamente entre seus nativos aqui estivesse colocado de maneira explícita’ (p. 32), como se a prática de certa maneira estivesse dada na teoria; b) do fluxo de informação entre antropólogos e militares: Quem interroga quem? Quem é o informante? São novas questões e problemas que surgem com esse novo objeto. Essa forma de ‘controle’ ficou explícita nos mais diversos convites que Leirner recebeu para trabalhar para os militares.” (IUBEL, 2009, 142)

Essa talvez seja uma das razões pelas quais procurei aqui fazer uma análise de textos militares. As características que vinculam o modo doutrinário pelo qual suas ideias ganham corpo de certa maneira permitem ao antropólogo se localizar numa tênue linha que em outros lugares definiria muito melhor uma separação entre “ideias” e “práticas”. No caso militar, aquelas ideias têm o propósito imane de se converter em ação. É por isso que podemos de certa forma entender que o anticomunismo também teve um propósito bastante pragmático, que se manifestou de maneira bastante clara nos últimos anos.

2 - ANTICOMUNISMO: DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Partiremos de uma definição aparentemente simples sobre o objeto de estudo: “Anticomunistas seriam os indivíduos e grupos dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação” (BERSTEIN, 1987 apud MOTTA, 2020). O anticomunismo, portanto, seria a atuação de indivíduos ou grupos centrada em uma atitude de recusa militante ao projeto comunista, se guiando por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista: trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc. (RODEGHERO, 2002). Boa parte dos estudos sobre o tema do anticomunismo parte do princípio que o comunismo seria a síntese marxista-leninista que originou o bolchevismo e o modelo soviético, pois por mais que ideias antiesquerdistas existissem antes do bolchevismo, foi apenas após a ascensão do Estado soviético que o anticomunismo toma formas mais definitivas e se torna um fenômeno de grande impacto público (MOTTA, 2020). Para o nosso caso, não será adotado uma definição *ad hoc* do comunismo, pois como veremos na Parte 3, isso está muito aquém do entendimento dos nossos “nativos” sobre o que é o comunismo.

Para a construção desse imaginário anticomunista durante o processo histórico de existência do fenômeno, pode-se elencar três matrizes que fundamentam o pensamento anticomunista: o cristianismo (especificamente no caso brasileiro, o catolicismo, que atualmente migrou para os evangélicos), o liberalismo e o nacionalismo. Talvez seja mais preciso afirmar que existem “anticomunismos” ao invés de usar a expressão no singular, visto que o principal padrão que une essas três matrizes seria a aversão ao comunismo. O anticomunismo abarca um espectro ideológico amplo, tendo membros tanto na direita quanto na esquerda, mas mesmo que tenha existido momentos pontuais da história de nosso país em que houve embates entre alguns quadros da esquerda com comunistas - como foi o caso do movimento anarquista e o PCB nos anos 1920 pela disputa no movimento sindical -, na maioria das vezes a esquerda no Brasil precisou se aliar com os comunistas (com destaque ao PCB) para conseguir avançar suas pautas mesmo que ainda existissem conflitos.

2.1 - MATRIZES DO ANTICOMUNISMO

Feita essa breve introdução, uma exposição sobre as matrizes do imaginário anticomunista se mostra necessária para uma melhor compreensão do objeto. Iniciarei pela matriz cristã.

2.1.1 - A MATRIZ CRISTÃ

Para as lideranças católicas, o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta. O motivo para isso não é complexo de se entender, visto que os líderes comunistas da época seguiam uma filosofia que defende o materialismo ateu e nega a existência de Deus, tendo como objetivo revolucionário a extinção da Igreja. Esse temor se confirma na revolução bolchevique, que teve nas políticas do novo governo soviético os bolcheviques perseguindo as instituições religiosas, prendendo e executando religiosos e fechando templos.

Para alguns dos intelectuais católicos o comunismo era o último desdobramento das transformações da modernidade que criaram os mais recentes “inimigos da igreja”: começando na renascença, passando pela reforma protestante e pela revolução francesa, o comunismo seria apenas o mais novo inimigo para uma instituição que se sentia acostumada a grandes desafios e se imaginava vítima da perseguição dos adversários de Deus. Para esses intelectuais, existia uma cadeia de causalidade que ligava os intelectuais da renascença e da reforma protestante ao comunismo, visto que:

“(…) O espírito reformador nutrirá os filósofos iluministas e os revolucionários, pois lançara a semente do questionamento à ordem e hierarquia. A ação dos revolucionários comunistas significava uma continuação da obra destruidora da Reforma, movida pelo mesmo desejo de aniquilar a ‘verdadeira’ Igreja e a ordem social espelhada em seus ensinamentos.” (MOTTA, 2020, p. 36)

Se acentua também o papel de um agente conspirador responsável pela disseminação do erro durante esses períodos. Os acontecimentos na época aparentemente sempre tinham como origem uma eterna luta entre bem e mal e a ação do grande tentador, Satanás.

O anticomunismo católico começa a se manifestar nos anos 1920 e 1930 por conta da posição anti-liberal e anticomunista da Igreja, que podem ser encontradas nas encíclicas papais *Rerum Novarum* (1891) e *Divini Redemptoris* (1937) por exemplo. É válido destacar a encíclica *Quod Apostolici Muneris* (1878), a primeira que fala sobre os socialistas, os comunistas e os niilistas. Nesta última, Papa Leão XIII adverte a igreja dos perigos dessas propostas revolucionárias, além de sugerir que seria oportuno fomentar as sociedades de artífices e operários, fundadas sob patrocínio da Igreja (visto que essa “seita de homens” buscava seguidores principalmente entre os trabalhadores). No Brasil, isso se refletiu nos Círculos Operários criados no Rio Grande do Sul em 1932 pelo jesuíta Leopoldo Brentano (movimento esse que foi apoiado pelo próprio Vargas durante o Estado Novo).

O ápice do anticomunismo católico se deu na década de 1930, durante a Guerra Civil Espanhola. A Igreja, ameaçada pelo avanço comunista e anarquista em uma nação historicamente católica (e não ortodoxa como era a Rússia), passam a apoiar os *franquistas* e se empenham - a partir de 1936, em meados do início da guerra - em uma campanha de denúncia aos comunistas e suas atrocidades. Essa campanha acaba coincidindo com a onda anticomunista no Brasil provocada pela Intentona Comunista em 1935. Este foi um dos períodos de maior vigor do anticomunismo católico no Brasil, o outro seria justamente na década de 1960.

Vários grupos liberais e anticomunistas nos anos 1960 se embrenharam em círculos católicos para avançarem seus interesses. Um exemplo disso seria a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)¹¹, que tinha como lastro teórico uma forte inspiração na doutrina católica mesmo não fazendo parte da hierarquia da igreja. Em conjunto com a Cruzada Brasileira Anticomunista (um grupo fundado em 1952 que tinha como liderança oficiais da Marinha, cabendo destaque ao seu fundador Almirante Carlos Penna Botto), a atuação das duas entidades serve de comprovação à tese de que militares e religiosos representaram a coluna dorsal do anticomunismo brasileiro (MOTTA, 2020, p. 171). Outro exemplo é o que foi denominado pelos estudiosos como Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que foi uma série de manifestações públicas ocorridas entre 19 de março e 8 de junho de 1964 em resposta ao que foi considerado pelos militares e setores conservadores da sociedade uma ameaça comunista representada pelas ações dos grupos radicais e pelo discurso em comício realizado pelo então presidente João Goulart em 13 de março daquele mesmo ano.

3.1.2 - A MATRIZ LIBERAL

Partindo para a matriz liberal do anticomunismo, podemos adotar como definição de liberalismo algo abrangente, visto que tanto o liberalismo econômico quanto o liberalismo político recusam o comunismo. Esta recusa resulta do fato de que os liberais acreditam que o comunismo atenta contra os seguintes postulados: "(...) por um lado sufocando a liberdade e praticando o autoritarismo político e, por outro, destruindo o direito à propriedade, na medida em que desapossava os particulares de seus bens e os estatizou." (MOTTA, 2020, p. 60).

¹¹ Exemplos dessas ações não se limitam ao combate contra o comunismo: a TFP tinha como objetivo o combate ao modernismo como um todo, seja o divórcio, o aborto ou as mudanças de comportamento. De acordo com o principal teórico deste movimento, Plínio Corrêa de Oliveira, todos esses desregramentos nos costumes decorriam da mesma fonte básica do mal moderno, a Revolução. No interior desta revolução, o comunismo assumia posição de destaque como o principal inimigo atual da cristandade e adversário mais perigoso dos valores cristãos.

No Brasil o discurso anticomunista do liberalismo democrático enfrentou problemas em alguns períodos. Devido a história do nosso país e seus frequentes momentos autoritários, a defesa da liberdade além dos objetivos do liberalismo clássico elitista muitas vezes caía por terra: atacava-se a falta de liberdade no regime comunista reproduzindo chavões sobre a ditadura soviética como se tivéssemos aqui um idílio republicano. As idéias liberal-democráticas conseguiram surtir efeito após a Segunda Guerra Mundial até o regime de 1964, quando o autoritarismo cai em descrédito por seus vínculos com o nazi-fascismo e a democracia assume papel central na política e no combate ao comunismo (a luta pelo poder passa a ser uma luta de oposição entre democratas e comunistas para eles).

Na questão do anticomunismo relacionado ao liberalismo econômico, não existe a necessidade de muitos comentários: o comunismo tem como um de seus pontos centrais a oposição frontal aos abusos e falhas do liberalismo econômico. O argumento dos defensores do liberalismo econômico contra o comunismo pode se condensar na ideia de que a propriedade seria um direito individual inalienável - sagrado para os mais enfáticos - e integrante do rol das liberdades fundamentais. Algumas outras discussões econômicas entre os dois lados vão desde a validade da teoria de valor-trabalho nas obras de Marx até questionamentos sobre a efetividade econômica da implementação do modelo de produção típico da fase de transição para uma sociedade comunista - a planificação econômica. Esses argumentos permeiam muitos dos discursos anticomunistas na atualidade, e podem ser facilmente encontrados nas produções teóricas dos think tanks da ultra-direita pouco representados em ambientes acadêmicos e na mídia tradicional como o Instituto Millenium, o Instituto Mises Brasil (IMB), o Instituto Rothbard, o Instituto Liberal (do Rio de Janeiro) e o Instituto Liberal de São Paulo (ILISP)¹². Além disso, vamos observar um bom exemplo desses argumentos na segunda monografia que será analisada na Parte 3 deste trabalho.

2.1.3 - A MATRIZ NACIONALISTA

Terminado a parte sobre a matriz liberal, finalizo a discussão expondo elementos da matriz nacionalista - talvez a mais relevante para este estudo. Pode-se observar que esta foi a que teve maior receptividade no meio militar, e é preciso deixar claro que o nacionalismo que discuto aqui difere do nacionalismo reivindicado pela esquerda no século XX (por mais que este também tivesse

¹² A cientista política Camila Rocha faz uma discussão detalhada sobre estes grupos em seu artigo "*Imposto é roubo!*" *A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff* e em seu livro *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*.

um setor considerável no exército). O nacionalismo anticomunista possui raízes no nacionalismo conservador elaborado no século XIX, principalmente se associando ao romantismo alemão:

“(…) Tal vertente do nacionalismo, que também foi influenciada pelo corporativismo, encontrava seu fundamento central na visão da nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social. Esse nacionalismo de viés conservador enfatizava a defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização, contra as forças centrífugas da desordem. A nação, o conjunto formado pelo povo brasileiro unido ao território e ao Estado, seria intocável, ou seja, mereceria a aura de objeto sagrado. Neste sentido, os comunistas seriam elementos “deletérios”, pois instigavam a divisão e a própria destruição do ‘corpo’ nacional, à medida que insuflavam o ódio entre as classes.” (MOTTA, 2020, p. 50)

Esse discurso teve mais destaque nos anos 1930 e nos anos 1960, mas isso não quer dizer que ele não está mais presente presente no imaginário anticomunista: na tese da ECEME de 2018 *Os Cem anos da Revolução Russa (1917- 2017) e os reflexos para o Brasil* do Maj MB Emerson Rodrigues da Silva, existe uma parte sobre a “Corrida socialista brasileira no século XXI” onde é citado um suposto “decálogo de Lênin” em que o revolucionário ordena que seus seguidores “dividam a população em grupos antagônicos, incentivando as discussões sobre ações e assuntos sociais”, “destruam a confiança do povo em seus líderes” e “coloquem em descrédito a imagem do país, especialmente no exterior”. O texto citado não é de autoria de Lênin, mas sim uma notória farsa que circula desde a década de 1940.¹³ As duas teses analisadas na Parte 3 desta monografia possuem uma pletera de argumentos que remetem a esse imaginário de que o comunismo seria uma “doutrina exótica” propagada por infiltrados que querem destruir a nação.

O nacionalismo anticomunista alcança destaque nas Forças Armadas (FA) por vários motivos. Além das peculiaridades da instituição (que teria sua estrutura hierárquica e sua doutrina abalada por uma revolução), a Intentona Comunista de 1935 contribuiu fortemente para consolidar uma tradição anticomunista e nacionalista nas FA, desencadeando um processo de institucionalização da ideologia anticomunista no interior das Forças Armadas (CASTRO, 2002), algo que pretendo discutir mais detalhadamente adiante.

Além da indivisibilidade da pátria, outro aspecto atacado seria o internacionalismo defendido pelos comunistas. Em muitas interpretações marxistas da revolução, o nacionalismo seria um fenômeno ligado ao mundo burguês (como foi elaborado no *18 de Brumário de Luís*

¹³ De acordo com Maj. Silva: “Lênin, em seus inscitos, orientou a formação de partidos comunistas, além de motivar a formação de partidos de esquerda em todo o mundo. Baseado nisso, pode-se citar o decálogo de Lenin (com seus 10 mandamentos), cujo dogma é abstraído da fundamentação doutrinária do leninismo, divulgada pelo próprio Lenin no ano de 1917, para exemplificar os rumos atuais da sociedade brasileira no presente século.” (SILVA, 2018, p. 77). Entretanto, de acordo com o professor da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Anderson Deo: “Não há qualquer referência a esse tipo de proposição na longa obra de Lenin. Da mesma forma, não é possível deduzir tais absurdidades de seu pensamento” (LIMA, 2020).

Bonaparte)¹⁴, destinado a ser superado quando o operariado se tornasse classe dirigente (algo que Marx faz referência ao final do *Manifesto Comunista*). Mas depois da revolução soviética, a expectativa de uma revolução europeia - e futuramente mundial - se frustrou, e por isso os bolcheviques decidiram consolidar seu poder no Estado soviético se isolando. O internacionalismo comunista - para muitos, incluindo alguns membros do PCB - passou a significar principalmente a defesa da verdadeira pátria, a União Soviética. Isso para os nacionalista era inaceitável, e os comunistas para eles seria agentes infiltrados de uma potência estrangeira e traidores dos ideais brasileiros (e conseqüentemente do próprio Brasil), um argumento muito explorado nas propagandas da época pelo menos até os anos 1980¹⁵.

A postura nacionalista de alguns movimentos de esquerda nos anos 1950 e 1960 - que denunciava o imperialismo e defendia o fortalecimento do Estado Nacional - nos ajuda a entender um dos principais argumentos dos nacionalistas conservadores e anticomunistas. Para eles, esse nacionalismo seria “um nacionalismo de fachada” ou um “traicionismo”, visto que a doutrina e a filosofia comunista seria uma doutrina “estranha” ou “exótica” ao Brasil. O caráter, a alma, o sentimento brasileiro não teria compatibilidade com as idéias bolcheviques, elaboradas em terras muito distantes da nossa pátria. Essas idéias seriam contrárias “à índole pacífica e conservadora do brasileiro” e incompatíveis com a “índole liberal e profundamente religiosa de nossa gente” (MOTTA, 2020).

Essa noção de “doutrina exótica” teve origem nos anos 1930 e 1940, quando fomentou comentários xenofóbicos e até mesmo justificou o Estado Novo com o Plano Cohen - cujo principal documento possuía argumentos notoriamente antisemitas.¹⁶ O argumento central era de que essa

¹⁴ É necessário deixar claro que isso não é um consenso dentro do campo marxista. O presente trabalho não tem como objetivo discutir o nacionalismo nas obras de Marx, mas acredito que seja válido apontar que ele buscava um caminho para uma revolução socialista que superasse o sistema capitalista, e sua visão sobre o nacionalismo como ferramenta para realizar este objetivo mudou durante sua vida com base nos eventos contemporâneos a ele. Quando o filósofo alemão escreve em 1869, 17 anos após o *18 de Brumário*, sobre a necessidade de uma revolução na Irlanda devido ao problema da terra no Reino Unido em seu artigo *A Questão Irlandesa*, podemos perceber que Marx não via com maus olhos o nacionalismo independentista irlandês – especialmente se este ajudasse o processo revolucionário no longo prazo. Além do artigo já citado, um trabalho que discute sobre o nacionalismo nas obras de Marx é o livro *A Questão Nacional em Marx* de Jorge Enea Spilimbergo.

¹⁵ Atualmente, a besta fera deixou de ser a União Soviética, a KGB, e seus agentes internacionais e se tornou a elite globalista transnacional que busca controlar o mundo por via de ONGs e marxistas culturais. Isso será explorado adiante.

¹⁶ Em suma, o plano Cohen foi um documento forjado que teve como intenção a instalação do Estado Novo em novembro de 1937. O documento emula um plano elaborado pelo Comintern visando a tomada do poder no Brasil. O autor do plano, Olympio Mourão Filho, afirma que Comintern era dirigido pelo revolucionário húngaro e judeu Béla Kun, mas este não era o caso. Béla Kun foi um revolucionário húngaro de ascendência judaica e funcionário do comintern que atuou em ações na Crimeia e na Alemanha depois de seu papel na revolução comunista de seu país, mas era improvável que ele tenha tomado alguma função diretora da internacional na época visto que ele foi preso no dia 28 de junho de 1937 durante o grande expurgo stalinista e foi morto no dia 29 de agosto de 1938 (o plano começou a ser divulgado em 1 de outubro de 1937, quando ele já estava preso). De acordo com explicações de Gustavo Barroso (notório antisemita e pró-nazista) ao autor do plano, “Kun” e “Cohen” significavam a mesma coisa, e por isso o plano foi batizado de Plano Cohen. (MEZZARROBA, 1992)

nova doutrina foi trazida por imigrantes, portadores de "ideias malditas", que se aproveitaram de nossa hospitalidade. Porém, o argumento de que os revolucionários seriam imigrantes estrangeiros caiu em desuso depois dessa época, na medida em que as correntes imigratórias foram sendo absorvidas e integradas à população (mas a noção do exotismo dessa doutrina permanece até hoje).

2.2 - O ANTICOMUNISMO NAS FORÇAS ARMADAS

Como exposto anteriormente, o nacionalismo seria a matriz de maior receptividade no meio militar (o que não quer dizer que as outras matrizes não estejam presentes). Pretendo agora discorrer sobre alguns dos principais pontos históricos da relação entre o Exército e o pensamento anticomunista. Adotarei como princípio da institucionalização do anticomunismo no Exército a Intentona Comunista, tomando como base a seguinte afirmação do antropólogo Celso Castro: “A frustrada revolta comunista de novembro de 1935 foi um evento-chave que desencadeou um processo de institucionalização da ideologia anticomunista no interior das Forças Armadas.” (2002, p. 43).

2.2.1 - A INTENTONA COMUNISTA

A Intentona Comunista foi uma revolta ocorrida em 1935 que se levantou em Natal, Recife e no Rio de Janeiro (em Natal ocorreu no dia 23 de Novembro, no Recife ocorreu no dia 24 e no Rio ocorreu no dia 25). Todas elas foram protagonizadas pelos militares e foram rapidamente derrotadas pelas forças do governo. O episódio causou grande comoção na época, pois foi revelado depois de sua derrota a interferência da Internacional Comunista (*Komintern*) em sua participação, e foi nomeado pelos vencedores como “Intentona” de forma pejorativa: um intento louco, insensato, desvairado (a escolha do termo já mostra um julgamento sobre o evento). Os militares que tomaram parte na revolta foram acusados de “infiltrados” e “traidores”, algo que contribuiu para alguns dos elementos muito presentes do imaginário anticomunista. O comunismo - de acordo com seus ávidos oponentes - seria uma doença “exótica” inserida no Brasil, perpetuada por traidores covardes (algumas denúncias controversas afirmam que no levante do Rio os militares insurgentes teriam assassinado colegas de farda ainda dormindo).

Foi a partir deste evento que os comunistas passaram a ser identificados como os maiores inimigos das Forças Armadas. Institucionaliza-se uma comemoração na data de aniversário da vitória sobre a Intentona já em 1936, que não obteve o mesmo destaque das comemorações seguintes visto que o Presidente da República não compareceu. Em 1937 entretanto, as coisas

mudam: a comemoração foi antecipada para o dia 23 de setembro, e Getúlio Vargas fez questão de comparecer. O motivo para isso muito provavelmente foi uma tentativa de acelerar uma mobilização anticomunista e dessa forma preparar o clima que levaria ao golpe do Estado Novo (não por acaso, uma semana depois foi divulgado o Plano Cohen).

Detalhes importantes em relação ao evento ocorrem no Governo Vargas. Primeiro: em 1938 Vargas determinou que os restos mortais de oficiais e praças fossem reunidos em uma só sepultura no Cemitério São João Batista, onde deveria ser construído um mausoléu. Isso foi feito para que se encerrasse o constrangimento que ocorria desde 1936 e que diminuía um pouco a força da comemoração, visto que as diferenças hierárquicas eram mantidas mesmo após a morte. Junto aos túmulos dos subalternos, que estava em um cemitério diferente, ocorria uma cerimônia muito mais modesta, sem a presença de autoridades. Com a concentração de praças e oficiais, a comemoração ganha uma maior “força evocativa”.

O segundo detalhe é justamente a estátua do monumento em si. A estátua, erguida em 1935, era de um soldado no momento em que é atingido por um tiro, e o monumento retrata apenas os soldados do Exército e da Marinha. Por opção, foi deixado de lado os integrantes das forças policiais dos estados do Nordeste, principais protagonistas na repressão aos levantes que ocorreram em Recife e Natal:

“Essa opção era conveniente numa época em que o poder central lutava para enquadrar as outrora poderosas forças policiais estaduais, submetendo-as ao controle do Exército. O papel secundário conferido pela “memória oficial” aos acontecimentos do Nordeste fica evidente na própria escolha do dia 27 para a comemoração, e não 23, quando estourou a rebelião em Natal, ou 24, no Recife.” (CASTRO, 2002, p. 45)

Após o fim do Estado Novo, os comunistas - agora na legalidade - tentaram realizar comemorações paralelas à dos militares da Intentona Comunista: ao invés de uma traição, se afirmava que o episódio foi um movimento nacional libertador. O ministro da guerra na época, General Canrobert Pereira, reuniu-se com seus generais e em seguida escreveu uma carta ao Presidente da República em que deixava claro o que eles consideravam sobre a eventual comemoração concorrente dos comunistas: “uma afronta aos sentimentos enraizados no coração do Exército” (CASTRO, 2002). Nada ocorreu em 1946, mas em 1947 deputados comunistas liderados por Carlos Marighella protestaram em plenário contra as homenagens realizadas. Depois de algumas semanas o PCB entra novamente na ilegalidade e os mesmos deputados têm seus mandatos cassados.

Os conflitos envolvendo o evento voltam a ocorrer nos anos 60. Com a renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart, foram colocadas faixas com dizeres anticomunistas na entrada

do cemitério durante a comemoração daquele ano. As manifestações não foram direcionadas ao novo Presidente, mas sim ao seu chanceler San Tiago Dantas, também presente na comemoração e que fora o principal responsável, pouco antes, pelo reatamento de relações com a União Soviética. Em 1963, o último ano da presidência de Jango, o atual governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda faz uma comemoração paralela na Praia Vermelha. O adversário de Goulart faz isso justamente pois aquele teria sido o local em que ocorreu a principal batalha em 1935. Em 1968, o mesmo local seria adotado para as futuras comemorações da data, tendo como objetivo, de acordo com o ministro do Exército Aurélio de Lyra Tavares, “permitir uma participação mais efetiva da população em geral nas solenidades” (CASTRO, 2002).

Em 1964, a comemoração é “revitalizada”. Os principais elementos dos discursos das comemorações associam os eventos de 1964 aos de 1935, afirmando que os comunistas teriam tentado uma nova investida que foi impedida pela atuação vigilante das Forças Armadas. Ou seja, o mesmo inimigo de três décadas antes ainda precisava ser combatido. Além disso, passou a ser feita em todos os quartéis a leitura de uma ordem do dia conjunta dos ministros das Forças Armadas, por ocasião do aniversário da “Revolução” de 31 de março de 1964. Ambas as comemorações reforçavam-se mutuamente, fortalecendo o espírito anticomunista nas Forças Armadas.

As imagens tradicionais como a de “traição”, “covardia” e “infiltração” são mantidas, embora sofram algumas atualizações, como a ideia de uma “guerra psicológica” adotada com a doutrina militar francesa sobrepondo-se à de “inoculação de um vírus” exótico. De acordo com a nova narrativa, o comunismo ainda lutaria através de uma “guerra psicológica”, que visava desmoralizar o novo regime e comprometer o governo. Este seria o protoplasma da noção de “marxismo cultural” e “revolução gramscista” que veremos com mais detalhes adiante.

O declínio da comemoração começa a partir da década de 1980, justamente devido à abertura política: as Forças Armadas deixam progressivamente de ver o comunismo como uma ameaça, e começam a confiar no espírito livre e democrático da nação. Em 1983, Leonel Brizola comparece à comemoração assistindo a cerimônia ao lado do Presidente Figueiredo e dos ministros militares, sendo que no mesmo evento, o general Figueiredo é entrevistado e afirma ser a favor da legalização do Partido Comunista. O pedetista, antigo inimigo dos militares, passa a frequentar a cerimônia nos anos seguintes e a “ameaça comunista” começa a se tornar mais um episódio histórico que um risco presente. Finalmente, em 1990, o presidente Fernando Collor decide não comparecer à celebração, tornando o evento algo exclusivamente militar - com exceção da meia dúzia de curiosos, alguns turistas e banhistas que uma vez ou outra aparecem (CASTRO, 2002).

Isso, entretanto, não significa que o evento perdeu completamente a importância. É neste momento de rearranjo das Forças Armadas pós ditadura militar (especificamente em 1988) que

começam a aparecer grupos de militares da ativa, da reserva e civis que passam a espalhar uma visão apologética do que ocorreu na ditadura através de eventos, cartas, boletins, livros, jornais e sites, alertando a nação sobre os perigos do comunismo (SANTOS, 2009). Em 2002, foi coletado o relato de um grupo que se incomodou profundamente com a perda de importância do evento: os militares da reserva reunidos na diretoria do Clube Militar. De acordo com um dos diretores que “confidenciou” suas opiniões a um dos assistentes da pesquisa de Celso Castro sobre o assunto:

“(...) a situação teria se agravado quando ‘os comunistas chegaram ao poder’, disse, referindo-se ao governo FHC! Ainda segundo esse diretor, o desinteresse pela solenidade, refletido no reduzido número de presentes, devia-se a uma suposta campanha movida contra as Forças Armadas pelos meios de comunicação. Os eventos comemorativos do 31 de março, realizados pelo Clube Militar em 1999, também demonstraram a mesma combinação de radicalismo no discurso e reduzido comparecimento.” (CASTRO, 2002, p. 50)

Essa radicalização do Clube Militar é certamente algo importante quando observamos os eventos atuais: vale lembrar que Olavo de Carvalho participava de palestras e debates nesse mesmo Clube pelo menos desde os anos 1990, e o atual presidente tem como forte base de apoio os militares que compartilham - de uma forma ou de outra - uma visão nas mesmas linhas desse clube. Entrarei em mais detalhes sobre a relação entre o pensador Olavo de Carvalho e os militares mais adiante.

2.2.2 - A DOCTRINA FRANCESA

É importante também destacar o papel da já citada doutrina militar francesa da *guerre révolutionnaire* para a construção do imaginário anticomunista dos militares brasileiros. Digo isso tendo como base os estudos de João Roberto Martins Filho sobre o assunto, que destaca a importância da doutrina francesa na formação da mentalidade militar em relação a uma análise concentrada apenas na Doutrina de Segurança Nacional dos anos 1940.

Usando como exemplo mais acabado deste equívoco o livro de Joseph Comblin - *A ideologia da segurança nacional* -, Martins Filho aponta que este tipo de explicação dispensa o estudo dos processos internos de construção da mentalidade militar, e que na visão de Comblin, os setores militares que apoiaram os golpes aparecem como uma simples marionete ideológica, sem história política ou capacidade de gerar seus próprios mitos, doutrinas ou ideologias. Este tipo de análise, portanto, perde de vista as especificidades nacionais dos processos de construção do golpismo militar, especificidades essas que tiveram consequências importantes na própria configuração das ditaduras que se seguiram.

“Assim, tudo se passa como se a importação da ideologia da segurança nacional explicasse por si só o aparecimento de Estados de segurança nacional, cuja coesão interna tivesse sido garantida pela doutrina que lhes deu origem” (MARTINS FILHO, 2008, p. 40).

Antes de entrar nos detalhes da doutrina militar francesa da *guerre révolutionnaire*, é importante definir o que entendemos como doutrina, e qual a sua diferença para com ideologia. Tomo como empréstimo a explicação de João Roberto em seu texto, que define doutrina como

“(…) um conjunto de ensinamentos, com freqüência um conjunto de princípios ou um credo. No jargão militar, usa-se tipicamente doutrina num sentido mais limitado, para referir-se a princípios estratégicos ou táticos particulares, como a doutrina de retaliação maciça. Por outro lado, define-se comumente ideologia como um conjunto generalizado de idéias políticas, uma visão de mundo, como o liberalismo e o comunismo. Tratar doutrina, especialmente doutrina militar, e ideologia, como termos mais ou menos intercambiáveis obscurece a questão da relação entre os dois.” (FITCH, 1998, pp. 107 e 110 apud MARTINS FILHO, 2008, p. 40)

A diferença estabelecida nos ajuda a entender por que a doutrina francesa foi mais impactante para o desenvolvimento da percepção dos militares sobre a guerra que deviam realizar: antes mesmo do triunfo da Revolução Cubana, os militares brasileiros já tinham buscado, por conta própria, uma doutrina de guerra mais adaptada às suas necessidades, algo que os Estados Unidos não pareciam ter condições de oferecer. Em 1959, o coronel Augusto Fragozo pronunciou em maio de 1959 no curso de Estado-Maior e Comando da Escola Superior de Guerra a palestra “Introdução ao estudo da guerra revolucionária”, fruto aparentemente de seus próprios estudos diretos da produção francesa, que começaram algum tempo antes (MARTINS FILHO, 2008). Essa doutrina se adaptava melhor às suas necessidades, visto que ideias anticomunistas já existiam nas forças armadas pelo menos desde a Intentona Comunista.

Mas como podemos definir essa doutrina? Em suma, as Forças Armadas francesas estabeleceram uma nova doutrina militar após sua derrota na Indochina e com a eclosão da rebelião argelina, e nessa nova forma de conflito permanente, em que não havia uma distinção entre os meios militares e os não militares, as Forças Armadas deveriam combater o inimigo (os movimentos revolucionários marxistas-leninistas) com instrumentos políticos, ideológicos e bélicos. Ou seja, combater os inimigos com suas próprias armas. Para isso, se fazia necessário controlar as informações, por meio de um comando político-militar, e utilizar a guerra psicológica. A ideia geral da doutrina da guerra revolucionária

“(…) era de que a civilização cristã estava envolvida numa guerra permanente e mundial, em que as distinções tradicionais entre guerra e paz passavam a ser insignificantes, assim como (...) as diferenças entre anticolonialismo, nacionalismo Anti-Occidente e comunismo” (MARTINS FILHO, 2008, p. 42)

É importante notar uma consequência dessa doutrina para o itinerário de nossa história nacional: desde sua chegada em 1959, o Exército já passa a incorporar uma doutrina que trazia em si um projeto de intervenção militar na sociedade. Como o controle das informações nesta doutrina é um elemento decisivo na guerra contra possíveis insurgentes da esquerda, seria impossível combater esse tipo de inimigo sem um comando político-militar unificado. Essa doutrina serve como justificativa para que o Exército entre no campo das relações civis-militares, e ao fazê-lo, não hesita em afirmar que, se a sociedade democrática é incapaz de fornecer ao Exército o apoio necessário contra o comunismo, seria preciso mudar a sociedade, não o Exército (MARTINS FILHO, 2008).

Muitos elementos dessa doutrina de guerra revolucionária permaneceram até hoje, como a visão de inimigos internos seguidores da ideologia comunista (ou comuno-petista, pensando na terminologia mais usual em nossa história recente) e a necessidade de combate desse inimigo por via de operações psicológicas. Talvez este seja um ponto crucial para entender porque o retorno dos militares à política parece “rimar” com o que aconteceu em 1964, visto que muitos elementos da guerra de 4º geração utilizada pelos militares no Brasil atualmente parecerem terem sido “atualizados” para nosso país em cima desse material anterior, que ficou como “sobra de campanha” da guerra revolucionária (LEIRNER, 2020).

2.2.3 - PRODUÇÕES DA BIBLIEX, OS GRUPOS DE INTERESSE PÓS-DITADURA E O ORVIL

Pouparei o leitor de uma análise detalhada sobre a ditadura militar em si e os acontecimentos relacionados ao anticomunismo que aconteceram no período, visto que isso já é tema central de estudos muito mais detalhados sobre o assunto (DREIFUSS, 1981, 1986; ARNS, 1991; MARTINS FILHO, 2020; RIDENTI, REIS, MOTTA, 2014; REIS, 2014; ROCHA, 2022). Será mais importante destacar o papel das produções teóricas e dos grupos de interesse que surgiram nas Forças Armadas no período pós ditadura (mesmo que de forma superficial), para em seguida entrar em um assunto de suma importância para essa tese: Olavo de Carvalho e seu “sistema de crenças”¹⁷ que baliza o pensamento dos militares até hoje. Começarei discutindo de

¹⁷ Farei uma descrição mais detalhada dos pontos importantes desse “sistema de crenças” a seguir, o que importa ressaltar agora é que: “(...) o sistema de crenças Olavo de Carvalho é uma espécie de ‘Organizações Tabajara’ da insensatez brasileira contemporânea, pois todos os disparates costumam convergir para o buraco negro da pregação do mestre. (...) Olavo de Carvalho não chegou a elaborar uma filosofia própria, porém criou um poderoso sistema de crenças. Nesse caso, em lugar de avaliar a agudeza de suas leituras, é mais importante descrever o conjunto de princípios que terminou por empolgar um número nada desprezível de fiéis adeptos — uma legião de pessoas.” (ROCHA, 2022, p. 79)

uma forma geral sobre as produções da BIBLIEx, seu impacto social e a importância que o exército dá para as produções dessa biblioteca e a comunicação de massa que ela proporciona.

Fundada em 1881 pelo então ministro da Guerra Franklin Dória, a BIBLIEx foi fechada 44 anos depois de sua fundação pelo ministro General Setembrino de Carvalho, que não considerava a instrução dos militares algo de grande importância. Mas em 1937 Eurico Gaspar Dutra reinaugurou o antigo projeto de Dória, agora como uma editora. Este foi o formato dado ao projeto de acordo com o decreto N° 1748 assinado pelo então presidente Getúlio Vargas:

“(...) Uma comissão formada por três militares e dois civis determinaria os livros a serem publicados, divididos em três coleções: ‘Os nossos soldados’, com biografias de soldados brasileiros e com linguagem simples, voltada aos militares de baixa patente; ‘Obras patrióticas’, formada por títulos nacionais, já consagrados ou de autores novos, civis ou militares; e ‘Obras de educação’.” (ORTEGA & MARIN, 2019, p. 47)

Desde a reinauguração, a editora incentivou ativamente a institucionalização da ideologia anticomunista nas forças armadas. Exemplos disso são as publicações de suas edições do *Arquipélago Gulag*, de Alexander Soljenítsin, e do *1984* de George Orwell; duas obras que foram muito bem acolhidas nos Estados Unidos durante a Guerra Fria, como baluartes culturais contra o “autoritarismo” soviético.

A atuação recente da editora verde-oliva teve como objetivo a expansão de seu público para além dos militares, expondo recorrentemente em salões de livro, tais quais as bienais de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O esforço da BIBLIEx atraiu a atenção de jovens interessados por militarismo e guerra. Ao mesmo tempo, os livros publicados também tratam de assuntos relacionados à história, ou pelo menos da história sob as lentes dos militares.

O exemplo mais patente disso é o livro do General Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, *A Revolução Gramscista no Ocidente*.¹⁸ Neste livro, o General argumenta com base em seu estudo - se é que podemos definir como tal - do comunista italiano Antonio Gramsci “(...) que os comunistas agora movem sua guerra não pelos fuzis, mas precisamente por uma “batalha cultural” dentro do regime democrático.” (ORTEGA & MARIN, p. 48). Algo que vale destacar é sua categorização dos partidos de esquerda no *post-scriptum* do livro “*O Gramscianismo no Brasil*”:

“A obra também conta com um quadro explicativo em que PCdoB, PCB, MR-8, PSTU, PCO - e Pasmem - PPS e PSB constam como partidos marxistas-leninistas.

¹⁸ Alguns outros trabalhos publicados pela editora merecem um breve destaque: o livro *Não Somos Racistas*, do Diretor Geral de Jornalismo da Rede Globo, Ali Kamel retrata “que a política de cotas proposta pelo governo Lula dividiria o Brasil em duas cores, eliminando, assim, todas as características de nossa miscigenação” de acordo com descrição do catálogo da BIBLIEx. Outro livro que merece atenção é o *Camaradas nos Arquivos de Moscou: A História Secreta da Revolução Brasileira de 1935*, de William Waack, ex-âncora da Rede Globo que mantém estreitas relações com o Exército, recorrentemente dando aulas e palestras nas academias militares, além de ser figura carimbada nos cursos promovidos pela instituição para cobertura jornalística em cenários de guerra (ORTEGA & MARIN, 2019).

‘MST e outros’ são movimentos ‘maoístas ou foquistas’. O PT é ‘socialista-heterodoxo’, ‘nasserista’. O PSDB é colocado na aba da ‘esquerda fabianista’, ‘social-democracia inglesa’, e o PDT ‘internacional socialista’, ‘social-democracia da II internacional’.” (ORTEGA & MARIN, 2019, p. 49)

Essa categorização, entretanto, recebeu atualizações no livro *Cenas da Nova Ordem Mundial* de 2010, como demonstra o quadro a seguir:

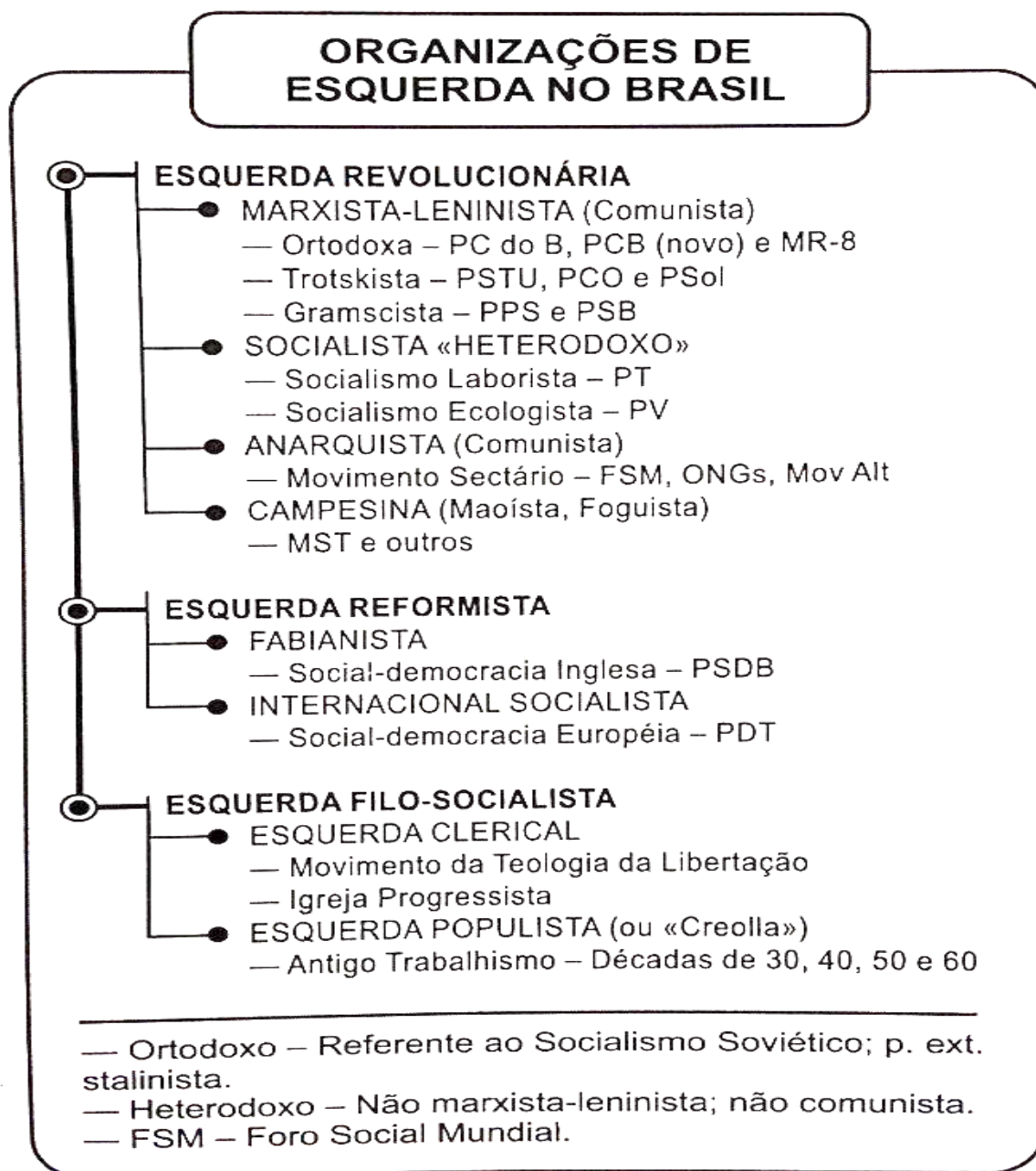


Figura 1: Organizações de esquerda no Brasil
 Fonte: COUTINHO apud MACHADO, 2019, p. 45

A visão do exército sobre a produção da BIBLIEx também é extremamente reveladora de seus objetivos em relação ao impacto que buscam com essas publicações:

“De acordo com Márcio Oliveira Ferreira, então responsável pelo marketing e vendas da BIBLIEx, as publicações ‘refletem o pensamento predominante na caserna’. ‘Se não escrevermos a história, quem irá? No meio acadêmico, há uma predominância de esquerda’, declarou o coronel à Folha, sendo acompanhado pelo tenente Ricardo Rocha, do setor de vendas da editora, que declarava que raramente se ‘vê militares se manifestando’ e que com os livros é possível ‘mostrar à população’ linhas de pensamento presentes entre os militares.” (ORTEGA & MARIN, 2019, p. 50)

Além da BIBLIEX, é importante destacar o papel de certos grupos de interesse formados após a abertura democrática para entender o pensamento dos militares na atualidade. Basicamente, esses grupos são compostos por militares da ativa, da reserva e civis que se reuniam para discutir a situação do país. Eles eram majoritariamente compostos por oficiais de alta patente, generais, coronéis e tenentes-coronéis que viveram nos anos 60, atuando em quartéis ou em articulações fora da caserna para garantir o êxito do golpe militar de 1964.

A característica principal desses grupos era sua insatisfação e ressentimento por terem sido excluídos do poder decisório, tanto institucional como governamental. Se sentindo injustiçados pela sociedade, estes indivíduos tentavam através de eventos, cartas, boletins, livros, jornais e sites, defender sua visão sobre o ciclo militar e difundir suas mensagens de alerta à nação. Os tópicos centrais das produções desses grupos eram o anticomunismo e nacionalismo; o apego às tradições, à religião e aos costumes; uma visão salvacionista das Forças Armadas; uma desconfiança em relação às instituições civis, como o Congresso e a Presidência e um senso de camaradagem com os que partilham dos mesmos ideais (SANTOS, 2009).

Não pretendo discutir de forma minuciosa todos esses grupos, visto que isso já foi realizado por Eduardo Heleno de Jesus Santos em sua dissertação de mestrado em 2009 *Extrema Direita, Volver! Memória, ideologia e política dos grupos formados por civis e militares da reserva*. Convém apontar dois grupos que foram ou serão citados neste trabalho para demonstrar de forma geral os objetivos desses grupos.

No dia 11 de maio de 1988, o coronel R/1¹⁹ Pedro Schirmer, o tenente-coronel R/1 Antonio Gonçalves Meira, e os civis José Augusto Galdino da Costa, Renato Osvaldo Winter e Armino Correa fundaram o jornal Ombro a Ombro. A primeira edição deste jornal chegou aos seus leitores no mês seguinte, sendo que o jornal era enviado não só para os assinantes, como também para

¹⁹ O R/1 aqui se refere a um militar que completou no mínimo 30 anos de efetivo serviço e passou para a reserva remunerada. Além dos 30 anos de serviço, um militar também pode ser transferido à pedido, mediante requerimento ao Comandante do Exército, se oficial ou praça, e ao Presidente da República, se for oficial-general (como consta no Art. 13 do seguinte documento: http://www.sgex.eb.mil.br/sistemas/boletim_do_exercito/copiar.php?codarquivo=181261461&act=sep).

autoridades e organizações das Forças Armadas, da Administração Pública e um seletor público de civis e militares. Além de servir como tribuna para insatisfação dos militares e para as divulgações de seus manifestos, foi neste jornal que Sérgio Avellar Coutinho publicou em outubro de 2002 um artigo que “apresenta maiores detalhes sobre o modelo etapista de tomada do poder [pelos gramscistas], e analisa sua aplicação ao Brasil contemporâneo” (GIEG in. COUTINHO, 2002, p. 2). Futuramente, o jornal publicou seu livro já citado anteriormente em conjunto com a Editora Estandarte, que teve uma republicação na BIBLIEx em 2016.

O outro grupo é o Ternuma (Terrorismo Nunca Mais). Este foi organizado em 1998, por um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas. O objetivo do grupo seria “resgatar a verdadeira história da Revolução de 1964 e, mais uma vez, opor-se a todos aqueles que ainda teimam em defender os referenciais comunistas, travestidos como se fossem democráticos” (SANTOS, 2009). O Ternuma organizava seminários, reuniões e palestras cujos principais temas se referem à memória do regime militar. Também organizavam passeatas em prol de melhores salários, e preparavam fichas de integrantes do governo que tenham sido esquerdistas no regime militar e mantinham um acervo – os arquivos da ditadura – em seu antigo site.

É importante atentar ao nome deste grupo: este seria o primeiro nome cogitado ao Orvil, um livro que se tornou público graças ao jornalista Lucas Figueiredo, autor do livro *Olho por olho - Os livros secretos da ditadura*. O Orvil foi um projeto sigiloso do Exército - em específico o Centro de Inteligência do Exército (CIE) - iniciado em 1985 e concluído em 1988, que seria uma espécie de “relatório-vingança” contra o livro *Brasil: Nunca Mais* organizado pelo Dom Frei Paulo Evaristo Arns (ROCHA, 2021). O pontapé inicial para este projeto data de 1984, quando o tenente-coronel Romeu Antonio Ferreira que estava lotado no CIE envia uma apreciação²⁰ aos seus superiores sobre a necessidade de se elaborar livros, cartilhas e outras iniciativas de divulgação da perspectiva do Exército sobre a luta armada na ditadura. Após o lançamento do livro organizado por Evaristo Arns e sua grande repercussão, o General Leônidas Pires Gonçalves (na época Ministro do Exército²¹) foi convencido da proposta do tenente-coronel, e foi determinado que agentes do CIE reunissem documentos da agência para contar, de sua perspectiva, o que havia sido a luta armada no país. A

²⁰ “A ‘apreciação’ é um tipo de documento produzido pela inteligência militar em que, para além de repassar um informe ou uma informação aos seus superiores, o analista elabora um juízo de valor sobre determinada situação, com o intuito de sugerir linhas de ação.” (PEDRETTI, 2021)

²¹ Até 1967 a denominação do ministério responsável pela gestão do Exército era Ministério da Guerra. Entre 1967 e 1999, passou a ser denominado Ministério do Exército. Com a criação do Ministério da Defesa, em 10 de junho de 1999, pela lei complementar nº 97 de 9 de junho de 1999 (BRASIL, 1999), as Forças Armadas deixaram de ter status de Ministério e passaram a ser subordinadas ao Ministro de Estado da Defesa.

coordenação dos trabalhos ficou a cargo do coronel Agnaldo Del Nero Augusto, chefe da Seção de Informações do CIE.²²

Em linhas gerais, o Orvil repete as narrativas anticomunistas existentes na instituição desde 1935 para justificar os crimes cometidos na ditadura pelos militares, mas podemos perceber uma novidade nesta produção. O livro discute sobre quatro supostas tentativas de tomada ao poder pela esquerda: a primeira em 1935, a segunda em 1964, a terceira seria a luta armada (o que justificaria os crimes cometidos pelos militares na ditadura), e a quarta - que seria a novidade - seria uma tentativa de manipulação da opinião pública. Neste quarto caso, o intuito dos comunistas era estabelecer uma visão crítica sobre as Forças Armadas na sociedade, e quando essa narrativa estivesse consolidada, a nação estaria definitivamente desprotegida (pois de acordo com os próprios militares, eles seriam o último bastião de defesa contra o comunismo). Só depois disso eles partiriam para uma nova luta armada. Este livro foi de enorme importância para o General Coutinho, algo que se demonstra na sua passagem como chefe do CIE em 1989 (antes de publicar seus livros sobre comunistas): lá ele alterou o formato dos Relatórios Periódicos Mensais (RPM) do órgão com o objetivo de circular os ideais do Orvil dentro das forças (PEDRETTI, 2021).

Outro detalhe importante do grupo Ternuma é o que segue: nos textos estudados na dissertação de mestrado de Eduardo Heleno Santos, foram encontrados artigos do filósofo Olavo de Carvalho publicados nos periódicos do grupo. O teórico de direita era colaborador do site Mídia Sem Máscara na época que o mestrado foi escrito, com destaque ao programa True Outspoke: um programa com um modelo semelhante a um podcast em que o filósofo discutia sobre diversos assuntos. É no Ternuma que encontramos a conexão entre o sistema de crenças Olavo de Carvalho e o pensamento dos militares²³: a seguinte citação do livro *O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida* de Piero Leirner nos ajuda a entender essa conexão do teórico da direita com a caserna, comprovando que o acolhimento de suas idéias ocorreu muito antes do Mensalão ou das Jornadas de Junho de 2013:

“Como mostra a dissertação de Eduardo Heleno dos Santos (2009: 70- 71), o comando do Exército não estava alheio ao que se escrevia na imprensa sobre a

²² Agnaldo Del Nero Augusto futuramente faria parte do grupo Ternuma no Distrito Federal (na época já estava na reserva como general de divisão) e contribuiria para a produção de materiais neste grupo. (SANTOS, 2009)

²³ Além deste espaço dado para Olavo, é importante notar também a importância que o filósofo dava a literatura produzida pelo General Coutinho: “O primeiro sinal de que alguém havia me prestado alguma atenção [na infiltração de forças revolucionárias na sociedade civil] não veio senão decorrida quase uma década, e não veio dos liberais. **Um artigo memorável do general José Fábrega, publicado em jornal de pequena circulação, mostrou que entre os militares havia ainda alguma inteligência desperta, o que veio a se comprovar nos anos seguintes com os dois livros espetaculares, tecnicamente perfeitos, do general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, *A Revolução Gramscista no Ocidente* (Rio, Estandarte, 2002) e *Cadernos da Liberdade* (Belo Horizonte, Grupo Inconfidência, 2004), infelizmente publicados tarde demais para poder inspirar qualquer ação eficaz contra o projeto de controle hegemônico da sociedade brasileira, àquela altura já praticamente vitorioso.**” (CARVALHO, 2012, grifos do redator)

memória de 1964. Ele pede uma atuação mais enfática do General Helio Ibiapina, Presidente do Clube Militar em 1999, para juntar as células (termo meu) e produzir material para uma ‘batalha da memória’, para usar a expressão de Aline Prado Atassio (2009). O ponto era fazer isso chegar à imprensa. E quem estava nela esperando? Olavo de Carvalho, na época um completo outsider dentro das redações (Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, O Globo). Em 19 de janeiro de 1999 ele escreveu, em artigo no O Globo, que ‘tendo em vista o preço modesto que esta nação pagou, em vidas humanas, para a eliminação daquele mal e a conquista deste bem, não estaria na hora de repensar a Revolução de 1964 e remover a pesada crosta de slogans pejorativos que ainda encobre a sua realidade histórica?’. Não era exatamente isso que os militares – do comando do general Zenildo aos grupos da Reserva – estavam procurando? É aqui que voltamos, assim, ao convite para Olavo falar no Clube Militar, em 1999 (suponho que ele já tinha conexões anteriores, mais esporádicas, que facilitaram essa ligação; em 1992 ele fez uma palestra no Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, Cebres, espécie de think tank militar sediado no Rio de Janeiro. (...) **Em 2001 começa-se [no Exército] a “abraçar” a tese de Olavo de Carvalho sobre um ‘projeto gramsciano’ de poder da esquerda, podendo incluir nele o próprio FHC (Fernando Henrique Cardoso, então Presidente da República). Podemos achar que é uma bobagem (e é), mas o efeito disso foi “juntar a fome com a vontade de comer”. Olavo de Carvalho já tinha trânsito entre o pessoal do Clube Militar, e com gente dos porões da ditadura que fazia parte dos tais grupos (tipo ‘Ternuma/Ustra’), tanto que ganhou a Medalha do Pacificador em 1999.** Mas ele entra mesmo dentro da caserna a partir de 2001, nesses três eventos: 1) ‘Censura e desinformação’, conferência no Clube Naval do Rio de Janeiro, 27 de novembro de 2001. 2) ‘Sobre a defesa nacional’, conferência no I Simpósio sobre Estratégia da Resistência e Mobilização da Vontade Nacional, promovido pelo Comando Militar da Amazônia em 7 de dezembro de 2001. 3) ‘Sistemas políticos contemporâneos’, conferência na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2 de maio de 2002./ Além disso, ele participou do ‘Projeto de História Oral do Exército Brasileiro na Revolução de 1964, em 2002’ (esse projeto é uma reação à primeira tentativa de revisão da Anistia feita por Fernando Henrique Cardoso, se não me engano em 1999; some-se a isso os depoimentos realizados ao CPDOC (D’Araújo, Soares e Castro, 1994a, 1994b e 1995), que jogaram água no discurso militar de que nunca teria havido tortura (ver também Atássio, 2009).” (LEIRNER, 2020, p. 33 a 35, grifos do redator)

2.3 - O PROJETO GRAMSCIANO E O MARXISMO CULTURAL: O MCI NO SÉC. XXI

Do que se trata exatamente o projeto gramsciano de poder pela esquerda? O argumento central desta “narrativa” afirma que Gramsci havia teorizado em seus escritos um empreendimento de devastação cultural, que engloba a destruição da cultura do país, da educação, das instituições, da escola, das Universidades, da família e principalmente do Estado burguês. Essa narrativa estabelece

que esse empreendimento seria o objetivo central da ideologia do marxismo cultural (ou do gramscismo cultural), e integra, em conjunto com vários outros argumentos, a cosmovisão de um grupo social que busca consolidar seu poder no país.

Todos os elementos do imaginário anticomunista descritos anteriormente devem ser levados em consideração para compreender a ojeriza olavista em relação ao gramscismo: a idéia de que é uma ideologia exótica à sociedade brasileira que seria implementada por um grupo de pessoas por vias subversivas e traiçoeiras (matriz nacionalista); um inimigo da igreja, da moral ocidental, e dos bons costumes (matriz religiosa); e, finalmente, uma tentativa de sufocar a liberdade e implantar o autoritarismo político (matriz liberal).

“Além de representarem o mal, os comunistas estariam ao lado do crime e do pecado, da corrupção e da mentira, de assassinatos e de pessoas cínicas. Mesmo anos mais tarde, passado o período de ditadura militar no Brasil, o discurso anticomunista ressurgiria com nova roupagem: o discurso do marxismo cultural e do gramscismo cultural com características semelhantes ao discurso ditatorial, mas agora o alvo seria, de certa maneira, a própria ‘democracia popular’ do PT e as pesquisas na Universidade.” (MACHADO; COLEVATI, 2021 p. 29)

É importante lembrar que o imaginário anticomunista dos anos 1930-1970 foi reciclado para se transformar no antipetismo na atualidade: o Partido dos Trabalhadores foi (e continua sendo até hoje) o principal alvo das acusações de possuir um projeto gramsciano de revolução popular devido suas políticas assistencialistas e reformistas. O PT, de acordo com Olavo, seria o grande responsável por disseminar uma cultura revolucionária que aumentou significativamente a criminalidade, principalmente por ter seguido cegamente as formulações de Gramsci. As abstrações gramscistas do filósofo influenciaram a política e o pensamento da direita durante anos, mas passou a ganhar destaque a partir do golpe de 2016:

“A onda verde e amarela da burguesia e da pequena burguesia brasileira, após o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff, fez com que a relação de forças no Brasil abrisse um campo de disputa para os movimentos de direita e de extrema direita.” (MACHADO; COLEVATI, 2021, p. 30)

Olavo já chamava atenção para o projeto político do PT desde 1994, disseminando suas ideias para a população em suas colunas nos jornais. O filósofo, desde o início de suas formulações teóricas após sua exposição a filosofia tradicionalista de René Guénon, afirmava que o PT não quer:

“(…) mais apenas eleger o presidente, governar bem, submeter seu desempenho ao julgamento popular daqui a cinco anos, fazer História no ritmo lento e natural dos moinhos dos deuses [o PT]: quer tomar o poder, fazer a Revolução, dismantlar os adversários, expelir da política para sempre os que poderiam derrotá-lo em eleições futuras” (CARVALHO, 2014, p. 34 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

Com base na hipótese de que o PT buscava efetivar uma revolução socialista fundamentada na obra de Gramsci, Olavo e os partidários dessa visão compreendem que a revolução cultural foi a maneira mais adequada do partido realizar o que se propunha, uma vez que de acordo com o filósofo a revolução cultural “sem fazer tanto barulho, exerce há três décadas uma influência marcante no curso da vida política e cultural neste país.” (CARVALHO, 2014, p. 38 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

O que estaria em curso, portanto, seria uma “revolução psicológica” no Brasil, e o marxista italiano seria o estrategista central deste projeto que procederia um golpe de Estado perpetuado pelos marxistas culturais. O motivo da revolução psicológica proceder o golpe seria justamente para:

“(…) amestrar o povo para o socialismo antes de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem como membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo comunista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade” (CARVALHO, 2014, p. 83 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

Essa revolução cultural, portanto, estaria ligada com o projeto de Gramsci de “assalto ao poder e destruição do Estado” por meio da produção de uma atividade intelectual de “propaganda” e “manipulação das consciências”.

O problema dessa narrativa é que Gramsci afirmava justamente o oposto disso: desde sua participação inicial nos movimentos socialistas em Turim ele defendia que a classe operária e o campesinato criassem sua própria história e elementos próprios para a construção de organização social, seja o Conselho ou o partido revolucionário. A propaganda política não era o elemento central de sua obra - apesar de ter reflexões sobre como a conjuntura política influencia os intelectuais (e vice-versa) em sua obra *Os Intelectuais e a Organização da Cultura* -, e seu objetivo principal era a construção de uma democracia operária, com uma nova forma de governo e de Estado, dirigido e articulado diretamente pelas necessidades das classes subalternas. Mas, invertendo a teoria do filósofo italiano de ponta-cabeça, para Olavo o objetivo principal de Gramsci era:

“(…) apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis” (CARVALHO, 2014, p. 118 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

Para Olavo, as formulações de Gramsci não passam de um projeto que tem uma nova liderança construída por “analgésicos”, que seriam os intelectuais. Essa liderança, ou o “príncipe moderno”, deveria possuir “uma parte dedicada ao jacobinismo” e precisaria também ser capaz de

“operar uma vontade coletiva que seja ao menos, em algum aspecto, criação *ex novo*, original”. Algo que novamente inverte o que Gramsci afirmava, visto que para o marxista italiano seria necessária a concretização de uma “vontade coletiva e da vontade política” em toda a massa, pois é “a vontade coletiva como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista” da história, que modifica a realidade (GRAMSCI, 1977, Q. 13, §01, p. 1559 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

De acordo com os escritos de Olavo, Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: “orgânicos” e “inorgânicos”. Os intelectuais inorgânicos “são uns esquisitões que, baseados, e sem uma definida ideologia de classe, emitem idéias que, ignoradas pelas massas, não exercem qualquer influência no processo histórico”. Já os intelectuais orgânicos:

“(...) são aqueles que, com ou sem vinculação formal a movimentos políticos, estão conscientes de sua posição de classe e não gastam uma palavra sequer que não seja para elaborar, esclarecer e defender sua ideologia de classe.” (CARVALHO, 2014, p. 86 apud MACHADO; COLEVATI, 2021).

Para Olavo, esses intelectuais seriam o verdadeiro exército da “revolução gramsciana”, encarregados de realizar a mais decisiva etapa da estratégia: a conquista da hegemonia cultural por via de uma guerra psicológica que se daria por um processo longo, complexo e sutil de mutações psicológicas graduais e crescentes.

2.4 - OLAVO DE CARVALHO E SEU TRADICIONALISMO *SUI GENERIS*: A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE CRENÇAS

Para um pleno entendimento do que se transformou o anticomunismo e do sistema de crenças do finado ideólogo, será preciso detalhar uma das principais influências filosóficas de sua formação ideológica, e em seguida diferenciar o modo como ele a utiliza em comparação com outros importantes autores desta corrente filosófica na atualidade. O assunto é, no mínimo, exótico, e por motivos pedagógicos precisarei tirar o leitor de sua zona de conforto que é o desconhecimento sobre a filosofia Tradicionalista.

Quando se discute sobre Tradicionalismo, se faz referência a uma escola espiritual e filosófica alternativa, com um grupo eclético minúsculo de seguidores ao longo dos últimos cem anos. Quando combinado com uma visão de mundo nacionalista, o Tradicionalismo se torna um bom indicador de um radicalismo ideológico raro e profundo (TEITELBAUM, 2020). Tendo como base a análise de Benjamin Teitelbaum sobre o assunto, para entender essa filosofia é melhor começar examinando o que seus seguidores rejeitaram ao invés do que defendem. Basicamente, eles

afirmam se opor à modernidade, e embora o senso comum nos leve a pensar em moderno como aquilo que é novo ou atualizado, eles se referem à modernidade da mesma forma que um historiador ou um cientista social o faria: tanto como um método de organização da vida social quanto como um período de tempo em que esse método veio a predominar na Europa e no mundo europeizado, o que equivale a dizer de 1800 em diante.

De forma geral, podemos dizer que a modernização envolve o recuo da religião pública em favor da razão, o que resulta no enfraquecimento do simbólico em favor do literal e a um interesse decrescente em coisas que não são facilmente matematizadas e quantificadas – como o espírito, emoções, ou o sobrenatural – em favor das chamadas coisas materiais. A modernização também envolve a organização de massas de pessoas cada vez maiores em prol de uma mobilização política mais poderosa (nações e colonialismo), da produção industrial e do consumo de bens (TEITLEBAUM, 2020). No frígido dos ovos, os tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é ao perseguir o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais, ao invés de buscar o “progresso”.

Outra tese central dessa corrente que teve enorme impacto na vida de Olavo de Carvalho é o perenialismo. Um conceito presente desde a fundação desta filosofia pelo francês convertido ao islamismo, René Guénon, o perenialismo seria a crença de que um dia houvera uma religião – a Tradição, o cerne, ou a Tradição perene – que fora perdida, tendo sobrevivido na atualidade apenas fragmentos espalhados de seus valores e conceitos em diferentes práticas de fé (este seria o motivo da adesão de Guénon ao islamismo por sinal, algo que ele acreditava se tratar um entre os múltiplos caminhos válidos rumo a um fim maior). Embora o patriarca desta filosofia evitasse a prática do sincretismo religioso, o perenialismo implicou no fato de que seus escritos e os de seus seguidores acabariam por buscar uma fusão da sabedoria das várias crenças, a fim de iluminar os pilares da Tradição.

Também é importante ressaltar o destaque que se dá à hierarquia nessa corrente filosófica. De forma bem resumida, os Tradicionalistas separam o mundo em quatro castas, ordenadas em uma hierarquia que declina da dos sacerdotes para a dos guerreiros, depois para a dos comerciantes e, por último, a dos escravos. Além das castas, é comum se observar nos escritos Tradicionalistas referências a um ciclo de quatro idades da história humana (um empréstimo da crença hinduísta): a idade de ouro, à de prata, à de bronze e à idade sombria, antes de voltar à de ouro e retomar o ciclo todo de novo. Em cada idade, uma das castas predominantes dita sua visão de cultura e política na sociedade, sendo que na idade do ouro quem cumpriria esse papel seriam os sacerdotes, na de prata os guerreiros, na de bronze os comerciantes e na idade sombria os escravos. “A hierarquia social do Tradicionalismo opõe, assim, abstrato e concreto, espírito e corpo, qualidade e quantidade.”

(TEITLBAUM, 2020, p. 35). Não é difícil adivinhar em qual idade os Tradicionalistas acreditam que estamos: em suas crenças, a idade sombria teria como característica governos que dão o poder político às massas na forma de democracia ou de comunismo.

Não será necessário se aprofundar nos conceitos e nuances dos principais teóricos desta corrente filosófica como René Guénon, Julius Evola ou Frithjof Schuon (por mais que este último tenha sido muito impactante para o guru da direita brasileira). O resumo das bases dessa filosofia foi feito apenas para se entender a importância dela na vida de Olavo de Carvalho, vida essa que irei descrever de forma relativamente breve²⁴. Olavo nasceu em Campinas (SP), em 1947, nos anos 1960 militou pelo Partido Comunista Brasileiro contra a ditadura (pelo menos de acordo com ele), e em seguida nos anos 1970 passou a se interessar por alquimia e astrologia, frequentando círculos ocultistas em São Paulo, em seguida passou a dar aulas sobre o assunto. Em 1977 sua namorada lhe traz um livro que mudaria sua visão: *The sword of gnosis* (A espada da gnose). Este livro era uma antologia de ensaios de escritores Tradicionalistas, editado pelo americano Jacob Needleman (coincidentalmente, a mesma pessoa que foi mentora de Steve Bannon). Os textos encontrados na coletânea inspiraram Olavo a ler todos os livros de Guénon, e depois de ter dominado as fontes primárias do Tradicionalismo, concluiu que não precisava mais estudar, e sim começar a praticar esta nova filosofia.

Em 1982, descobre um *tariqa* em São Paulo por via de uma sugestão de seu aluno. Ao chegar no local, encontra todos os seus alunos que haviam sido recrutados sem seu conhecimento, e é convencido a ficar (inclusive levando outros alunos, até a mulher que futuramente iria se tornar sua esposa). Quanto mais ele se aprofundava na comunidade, mais passava a ver seu líder, Omar Ali-Shah, como um vigarista que usava a *tariqa* para enriquecer e adquirir influência. Futuramente abandona a confraria islâmica e entra em contato com um sufi que possuía uma *tariqa* em Londres chamado Martin Lings por conselho de um amigo. É por via de Martin que toma conhecimento de Frithjof Schuon e sua confraria nos Estados Unidos, especificamente na cidade de Bloomington no estado da Indiana. Olavo - agora Sidi Muhammad - fica um tempo na comunidade até ser nomeado *muqaddam* (um líder que poderia organizar sua *tariqa*), e em seguida volta ao Brasil para fundar sua própria comunidade. Com dúvidas sobre como proceder na fundação da *tariqa*, Olavo entra em contato novamente com Martin Lings para saná-las, mas as práticas explicadas pelo sufi londrino acabaram por afastar de vez o filósofo:

“Olavo havia perguntado com que valor os membros da *tariqa* precisariam contribuir financeiramente (*zakat*) para ficar em dia com suas obrigações. Cada um deveria

²⁴ Recomenda-se a leitura do livro *Guerra Pela Eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista* de Benjamin Teitelbaum para uma análise mais detalhada da vida do filósofo.

contribuir com 2,5% de sua renda anual, Lings respondeu, embora houvesse muitas exceções. Olavo perguntara sobre o canto da *shahada*, o testemunho de fé muçulmano – quem deveria liderá-lo, quantas vezes precisaria ser repetido e como os membros da *tariqa* teriam de se organizar durante o processo. Você os lidera, respondeu Lings, e pode entoá-lo até mil vezes. Os sexos deveriam ser segregados, com as mulheres atrás dos homens, como era feito em Bloomington. Ah, e sobre elas – as mulheres –, uma questão final: Olavo havia perguntado sobre como elas seriam iniciadas na *tariqa*. A resposta de Lings a essa pergunta final foi curta e direta: ‘A mulher é iniciada pelo homem durante o ato sexual – sem interferência de dispositivos contraceptivos. Não há outra forma de iniciação, exceto por esse contato’.”(TEITLEBAUM, 2020, p. 210)

Olavo faz de tudo para ser expulso da confraria, e a partir disso seu foco passa a ser com o mundo exterior (porque, de acordo com ele, ele já sabia tudo sobre ele mesmo). O Tradicionalismo ao qual foi exposto faria parte de sua filosofia, mas não seria o ponto central dela (o Tradicionalismo deu a ele uma linguagem adequada para criticar o comunismo como materialismo, por exemplo). Depois dos anos 1980, a história de Olavo se torna um pouco menos estranha: nos anos 1990 começa a escrever artigos e livros com opiniões de juristas (em especial as opiniões dos círculos militares). Em 1996 escreve o livro *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*, que tem como tópico central uma crítica do meio cultural e intelectual brasileiro²⁵. Em 2005 se muda para Richmond, uma cidade no estado da Virgínia nos Estados Unidos, e em 2009 começa a ministrar seus cursos de filosofia de lá.

Foi necessário discutir sobre o passado de Olavo justamente para entender como sua filosofia difere dos teóricos tradicionalistas da atualidade. Tudo isso nos ajudará a entender as nuances do filósofo brasileiro quando analisarmos seu debate realizado com Aleksandr Dugin (talvez o filósofo contemporâneo mais relevante da corrente do Tradicionalismo), visto que a diferença entre a visão do globalismo “duginista” e do globalismo olavista é discutida na monografia *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro* que será analisada na Parte 3 - onde o autor da tese se afirma parcial ao globalismo do teórico brasileiro. O ponto importante a se notar deste debate é o que segue.

2.4.1 - SOBRE O DEBATE ENTRE OLAVO DE CARVALHO E ALEKSANDR DUGIN

Dugin teve como argumento principal o fato de que o estado atual da geopolítica é o de que todas as forças que se opunham aos Estados Unidos foram derrotadas ou marginalizadas, e que os

²⁵ O livro inclusive foi elogiado pelo avô do atual presidente do Banco Central, Roberto Campos, que classifica Olavo como um “filósofo de grande erudição”. (CAMPOS, 1996)

EUA buscam um governo mundial unipolar, capitalista e defensor dos direitos humanos universais e da democracia, de modo a abrir caminhos para o seu domínio. A Tradição e o conservadorismo seriam obstáculos para a liberdade e, conseqüentemente, para a dominação estadunidense (por isso seriam rejeitados na arena política). A esperança de revolta se encontra justamente na rejeição aos valores ocidentais, aos EUA e à sua hegemonia global, algo que se percebia em países como Irã, Venezuela e Coreia do Norte (e parcialmente em países como a Índia, Turquia, Brasil, Rússia, Cazaquistão, Arábia Saudita, Paquistão e China), ou em entidades extra-nacionais como o islamismo e os movimentos de esquerda sul-americanos. Para o filósofo russo, infelizmente todos esses atores agiam por si mesmo em nome de seus interesses, com estratégias de atuação ineficientes comparada com a dos estadunidenses, e ele buscava de Olavo uma mensagem alternativa que pudesse unir os atores antiamericanos em uma luta contra a ordem mundial materialista.

A resposta de Olavo, entretanto, não foi a esperada. A cosmovisão do filósofo brasileiro não era uma luta maniqueísta entre um ocidente maligno e o restante marginal e virtuoso, mas sim como uma batalha entre três atores que buscam dominar o mundo e estabelecer uma nova ordem mundial (três atores odiados por Olavo): a aliança Rússia-China, as finanças ocidentais e os islâmicos.

“A aliança Rússia-China era a única força propriamente geopolítica, olhando para o mundo em termos de Estados-nação amigos ou inimigos, sendo impulsionada, sobretudo, por agentes do setor militar e de segurança. As finanças ocidentais eram administradas por banqueiros e comerciantes que não obedeciam a nenhum Estado-nação ou princípio religioso, esforçando-se, apenas, para maximizar eficiência e lucros. A estrutura de poder islâmico, por outro lado, era essencialmente teocrática – invocando autoridade não militar, mas religiosa –, portanto, com ambições espirituais.” (TEITLEBAUM, 2020, p. 263)

Parecia, para Olavo, que três modalidades essenciais de poder – político-militar, econômico e religioso – se encontram personificadas em blocos supranacionais distintos, cada qual com seus planos de dominação mundial e seus modos de ação peculiares. Essa análise parece bem semelhante à separação hierárquica usada pelos próprios tradicionalistas, e com base na filosofia Tradicionalista, era de se esperar que o filósofo se alinhasse com os poderes militares ou religiosos (justamente os que se opõem aos Estados Unidos).

A avaliação de Olavo foi outra. Para ele, o bloco econômico não era representado pelos Estados Unidos, e o que de fato ocorre é justamente o oposto: os Estados Unidos, uma nação possuidora de uma Tradição e de uma herança precedente ao liberalismo, era “refém” e alvo principal do globalismo. A elite financeira ocidental não era inimiga da Rússia, da China ou dos países islâmicos virtualmente associados ao projeto eurasiático, mas, ao contrário, sua colaboradora e

cúmplice no empenho de destruir a soberania, o poderio político-militar e a economia dos EUA. Pode parecer confuso para os leitores que Olavo seja contra as finanças internacionais e o plano de dominação global do MCI ao mesmo tempo²⁶, mas é importante lembrar que esta confusão teórica é o que dá a sua filosofia um caráter singular, é aquilo que possibilita que suas opiniões sirvam como munição para qualquer argumento ou estudo que no fundo carrega um sentimento anticomunista e ao mesmo tempo coopta as pessoas com sentimentos antissistêmicos para seu lado.

Pretendo concluir esta primeira parte justamente com este ponto. Este “tripé” que sustenta o sistema de crenças do Olavo de Carvalho é essencial para entendermos os rumos das produções acadêmicas e os pensamentos de muitos militares na atualidade. Certamente, alguns elementos são mais usados que outros: a ameaça russa ou chinesa atualmente tem maior incidência nas teses produzidas recentemente na ECEME do que as ameaças do terrorismo islâmico, por exemplo. Por ser um filósofo que não era discípulo de outros filósofos, Olavo consegue cumprir o papel similar ao de um “pregador de peças”²⁷, não pertencendo nem devendo a ninguém e ao mesmo tempo podendo ser usado para causar o caos: seja o caos cognitivo, visando a confusão e o desnorteamento de políticos e intelectuais; seja o caos social, visando a destruição e enfraquecimento de um governo para uma eventual conquista do poder.

2.5 - CONCLUSÕES PARCIAIS

Este capítulo teve como objetivo principal realizar uma introdução sobre o assunto do anticomunismo, fazer um breve apanhado histórico dessa ideologia nas forças armadas, e finalmente discutir umas das grandes influências anticomunistas nas produções da ECEME nos dias atuais (ou pelo menos uma grande influência que consegue condensar os principais elementos usados nessas produções). Infelizmente, alguns detalhes interessantes foram poupados para este capítulo não se estender muito, como por exemplo o fato de que o projeto Calha Norte teve como primeira motivação “ameaças comunistas” vindas de Cuba que poderiam entrar pelo Arco das

²⁶ Na cabeça do filósofo estas duas entidades possuem não apenas um ponto de ligação, mas os comunistas atuam em conjunto com os grandes capitalistas por via do livre mercado para cumprir seu plano de dominação mundial: “A gente pode ser favorável ao livre mercado, mas nós sabemos hoje que o livre mercado é justamente usado, para, destruir as soberanias nacionais e implantar esse... globalismo, essa espécie de socialismo global.” (PEREIRA, 2016) Este argumento contrário às finanças globais se tornará mais claro na Parte 3 desta monografia, em específico na discussão da tese de Mateus Fernandes Brum da Silva.

²⁷ O pregador de peças (ou o *trickster*) é no estudo do folclore ou da mitologia um deus, espírito, ser humano ou animal que prega peças ou desobedece regras na maioria das vezes de forma má intencionada, sendo que seu comportamento caótico muitas vezes gera efeitos positivos (até o momento, este não foi nosso caso).

Guianas²⁸, ou que a popularização do Olavo de Carvalho pós-2013 se deu pela ajuda de think tanks de direita com financiamentos de grandes corporações²⁹.

No capítulo seguinte, pretendo analisar duas teses produzidas por alunos da ECEME, que discutem especificamente sobre o assunto do anticomunismo, do antiglobalismo, e da importância do exército brasileiro na defesa do país em relação a esses problemas.

²⁸ Disponível em: <https://twitter.com/pierolei/status/1625501257967472649> Acessado em: 20/02/2023

²⁹ Além dos já citados trabalhos da autora Camila Rocha sobre as novas personalidades da direita, também foi feito um podcast sobre esse assunto disponível na plataforma Spotify com o jornalista Carlos Alberto Jr. (Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4MB9PzMjF9SgOwpLqVjqxq?si=zzUMVfnBOIyD9WRxk90JpA>)

3 - UMA ETNOGRAFIA TEXTUAL DE TESES DA ECEME

Agora que tomamos conhecimento do referencial teórico necessário para entender o anticomunismo no meio militar, podemos observar como isso se manifesta em alguns de seus trabalhos na ECEME. Iniciarei explorando a tese *A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural* do Maj Eng Francisco Machado Parente Neto por ser a que traz de forma mais escancarada elementos centrais do imaginário anticomunista existentes no exército.

3.1 - A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MARXISTA E A LUTA PELA HEGEMONIA CULTURAL DA PERSPECTIVA DO EXÉRCITO

A tese de Francisco Machado tem como objetivo algo relativamente simples: seu projeto busca verificar os avanços da guerra pela hegemonia cultural empreendida por partidos de viés socialista no Brasil. O objetivo parte da pergunta inicial da pesquisa do autor: “A evolução do pensamento marxista alcançada pelos socialistas, conduziu ao aparelhamento institucional brasileiro, assim como ao domínio esquerdista nos meios acadêmico e midiático?” (MACHADO, 2019) A relevância do estudo, de acordo com o autor, é mostrar o avanço dos ideais socialistas em grande parte da mídia e considerável parte do mundo acadêmico nacional, contribuindo significativamente para a compreensão do discurso marxista uníssono no campo cultural brasileiro.

O estudo parte da crença de que o pensamento marxista passa por constante mutação e adaptação desde o final do século XIX, tendo como referencial teórico para essa afirmação autores como Olavo de Carvalho, Claudio Grass,³⁰ Sérgio Avellar Coutinho e Lew Rockwell.³¹ O argumento central dessa mutação é a absorção das produções teóricas da Escola de Frankfurt e dos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci pela esquerda contemporânea, e uma suposta “menchevização” dos partidos comunistas durante o século XX e XXI, que teve como ponto de partida a Sociedade Fabiana na Grã-Bretanha.

O autor inicia sua tese discutindo sobre a Escola de Frankfurt e seu suposto projeto intelectual de destruir a sociedade cristã ocidental. Segundo o referencial utilizado pelo autor, esta escola de pensamento era composta pelos teóricos Max Horkheimer, György Lukács, Walter

³⁰ De acordo com seu perfil no Instituto Rothbard, Claudio Grass é um *Mises Ambassador* e um consultor independente de metais preciosos sediado na Suíça. É reconhecido como especialista em história monetária, economia e metais preciosos. Um defensor apaixonado do pensamento de livre mercado e da filosofia libertária, segue os ensinamentos da Escola Austríaca de Economia e está convencido de que dinheiro sólido e liberdade humana estão inextricavelmente ligados um ao outro (INSTITUTO ROTHBARD, data desconhecida).

³¹ Autor, editor, consultor político estadunidense e autoproclamado anarcocapitalista, Lew Rockwell é fundador do *Mises Institute*, que possui uma de suas matrizes aqui no Brasil.

Benjamin, Erich Fromm, Theodor Adorno, Jurgen Habermas, Leo Löwenthal, Franz Neumann, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault e Herbert Marcuse³², e a suas principais contribuições teóricas foram a Teoria Crítica, que foi arquitetada como uma autocrítica da aplicação das ideias de Karl Marx na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), principalmente no campo econômico e cultural; e a aplicação de um criticismo kantiano direcionado ao sistema democrático capitalista da civilização judaico-cristã ocidental. Com a ascensão do nazismo e eclosão da Segunda Guerra Mundial nas décadas de 1930 e 1940, muitos dos membros da Escola são forçados a fugir da Alemanha e se refugiar nos Estados Unidos, transferindo suas idéias para lá. Dessa maneira, foi possível alicerçar a plataforma teórica e ideológica para o empreendimento de uma revolução cultural marxista tanto nas américas quanto no continente europeu.

De acordo com a tese, existiria uma descrição dos ideais da revolução cultural inscritos na Teoria Crítica que iria possibilitar a destruição da civilização ocidental, abrindo caminho para a implementação de uma “nova cultura moderna”, baseada no

“hedonismo (valorização do prazer, erotismo, sexo livre, culto ao corpo, felicidade pessoal e utilitarismo), desconstrução da família (emancipação econômica e sexual da mulher, união conjugal episódica ou temporária, erotização precoce da criança e homossexualismo) e laicismo (anticatolicismo, cristianismo informal e eclético, seitas ateístas, materialismo, existencialismo, ética ateísta e amoralidade). (MACHADO, 2019, p. 59)

Esse “reformismo intelectual e moral” seria realizado pelos agentes do MCI, fomentado por palavras de ordem, factóides, jargões automatizados e clichês mecanicistas que conduziriam a sociedade alvo a um novo senso comum. Essa modificação do senso comum seria alcançada na sociedade por uma atmosfera de patrulhamento ideológico, onde impera o universo do “politicamente correto”, incontestável por concepção marxista, e um histérico ilogismo de atuação.

Em seguida, se discute as contribuições do pensamento filosófico do teórico marxista-leninista Antonio Gramsci. Suas contribuições foram importantes para compreender melhor como se daria a superação do senso comum, a busca da hegemonia cultural e o enfoque gramscista diferenciado que foi adotado pelo movimento socialista global. De acordo com Machado, O compilado de ideias gramscistas utilizou os principais ensinamentos passados pela Escola de Frankfurt e redirecionou os esforços da esquerda revolucionária do campo econômico para o terreno cultural. Gramsci reuniu as ideias de seus pensamentos numa obra conhecida como

³² Esta não é a composição correta dos autores que são identificados como membros da Escola de Frankfurt. György Lukács nunca foi um membro oficial do instituto - mesmo tendo participado de algumas atividades - pois o revolucionário húngaro estava ocupado com as atividades do Partido Comunista da Hungria; Jean-Paul Sartre em momento algum de sua carreira como filósofo foi integrante do corpo docente da Escola de Frankfurt; e Michel Foucault não se considerava, e nem é considerado um marxista pelos estudiosos correntes, muito menos participou de qualquer atividade da Escola de Frankfurt ou integrou seu corpo docente.

Cadernos do Cárcere, onde ele discute as categorias fundamentais do seu ideário, abordando conceitos de sociedade civil, sociedade política e Estado. As concepções de bloco, bloco histórico, catarse, senso comum, bom senso e consenso, fundamentam seu referencial teórico, e seu diferencial seria sua apresentação do papel dos intelectuais, da educação, do jornalismo, da opinião pública e da cultura para a implementação do processo revolucionário.

De acordo com o autor, Gramsci teria idealizado uma “Guerra de Posição” para implantar o socialismo no Estado que seria alvo de suas ideias (esta seria uma “via democrática para o socialismo”, tendo como fonte de inspiração as teorias da Escola de Frankfurt). Os objetivos dessa guerra seriam a superação do senso comum e uma posterior conquista da hegemonia cultural:

“A tomada do poder por meio da revolução cultural (via pacífica/etapista ou luta pela hegemonia) iniciaria com a organização dos intelectuais orgânicos, dentre os quais estão políticos socialistas das mais variadas correntes de pensamentos, músicos, artistas, jornalistas, escritores, editores e professores universitários. Esse conflito velado ocorreria num longo prazo, de forma sorrateira e silente, até a chegada ao poder máximo do país hospedeiro. A conquista do poder pela via democrática seria consolidada por uma atmosfera de aparente normalidade onde uma suposta oposição, que também possui um viés marxista na sua concepção, oferecia uma resistência ao governo de mandato vigente. A sucessão governista ocorreria entre esquerda revolucionária, esquerda reformista e esquerda filo-socialista, gerando um clima interno de normalidade institucional democrática.”(MACHADO, 2019, p. 60 - 61)

Após essa chegada ao poder, os partidos de esquerda de viés socialista marxista iniciaram uma implementação de um “corporativismo partidário”, aparelhando rapidamente a máquina administrativa do Estado por via da criação de novos cargos em diversos escalões do governo federal, estadual e municipal³³, e novas empresas estatais para aumentar a capilaridade partidária e o alcance governamental. É neste momento que a etapa econômica de assalto aos cofres públicos é lançada e a diretoria dos bancos estatais é ocupada por socialistas. Os bancos públicos passam a conceder financiamentos para regimes totalitários aliados para o financiamento de obras de grande envergadura, e as construtoras dos países que cederam os empréstimos executam as construções superfaturadas para repassar os recursos excedentes para os partidos governistas que beneficiam essas mesmas construtoras.

Após a etapa econômica, os partidos da esquerda realizariam a luta pela hegemonia cultural, construindo um novo imaginário popular à partir de canções, novelas, noticiários, notícias de jornais e reportagens de revistas, cujos editoriais recebem uma considerável quantidade de recursos públicos para promoverem a agenda progressista global. De acordo com o autor, todas as mídias

³³ Sobre isso, o autor adiciona que os “principais cargos institucionais de 1º escalão” seriam mobilizados por uma “indicação ideológica”, facilitando o rastreamento de ações investigativas que pudessem retirar do poder governantes que praticassem a cleptocracia.

fariam parte deste sistema: a carreira dos artistas que compactuam de seus pensamentos ideológicos seria alavancada, e o corpo jornalístico seria formado dentro da utopia ideológica do ambiente universitário³⁴ dominado por um corpo docente de maioria marxista. Após o domínio exercido pelos intelectuais orgânicos, é chegado o momento de formar um consenso de ideias sobre a sociedade civil. Aqui o “politicamente correto” entra em cena, e seus defensores começam a “vomitar”³⁵ frases de efeito pré-programadas, recebendo apoio irrestrito de toda a mídia e da máquina estatal, e essas vitórias na luta pela hegemonia cultural seriam os elementos que pavimentam o processo transitório para o socialismo.

Mas onde entra, exatamente, a Sociedade Fabiana em tudo isso? De acordo com Machado, a Sociedade Fabiana entra em cena no ano de 1889, buscando uma transição para a social-democracia proposta por Gramsci. O Fabianismo é parte do Socialismo reformista que observa o contexto do Estado liberal-democrático como sendo um aliado para alcançar os objetivos da classe trabalhadora, abandonando algumas ideias utópicas marxistas e tornando-se a alternativa preponderante do socialismo ocidental. Os socialistas fabianos utilizariam de um proselitismo para a conversão de mais adeptos ao socialismo, seguindo uma prática de “permeação” das suas ideias socialistas entre os liberais e conservadores, sobretudo pessoas que estejam ocupando pontos-chave do poder, em todos os níveis e campos. Atuando junto às instituições existentes que tenham poder ou meios de influência, a metodologia dos fabianos seria a de “permear” este ou aquele ponto da sua doutrina (dosando ideais socialistas de forma homeopática), ministrando “duas ou três gotas de socialismo”, na justa medida (expandingo de forma silente e imperceptível sua influência global).

Segundo as referências utilizadas pelo autor, políticos em todo o mundo adotaram um modelo econômico idealizado pela Sociedade Fabiana denominado "terceira via". Isso se torna evidente quando se observa a relação de “afinidade” ou “filiação” dos fabianos com círculos globalistas anglo-saxões como o *Royal Institute of International Affairs* (inglês) e o *Council on Foreign Relations* (americano, criado em 1919), contribuindo efetivamente para a pauta progressista mundial e a atuação de grandes investidores do globalismo.³⁶

³⁴ A opinião de Machado sobre a universidade é semelhante à de Olavo de Carvalho: um ambiente tomado por socialistas que “mediocrizam” (sic.) a produção do capital intelectual da nação, passando diplomas a uma legião de analfabetos funcionais. Sobre a universidade brasileira, vale lembrar que em um de seus vídeos mais famosos Olavo diz que “(...) [a] faculdade no Brasil é um hímen complacente, um imenso hímen complacente, onde passa tudo (...)” (GARTZEN, 2012)

³⁵ O autor literalmente usa esta expressão: “O homem ‘politicamente correto’ entra em cena, vomitando frases de efeito pré-programadas, recebendo apoio irrestrito de toda a mídia e da máquina estatal.” (MACHADO, 2019, p. 62)

³⁶ Recomendo a leitura do livro *A Internacional Capitalista: Estratégias e Táticas dos Empresariado Transnacional (1918-1986)* de René Dreifuss. Neste trabalho foi realizado um estudo sistêmico sobre essas mesmas organizações citadas, onde o autor as define como “grandes QGs do capitalismo” em que as “elites orgânicas transnacionais” conspiram para intervir em governos de esquerda que impedem o enriquecimento deles. Também é demonstrado e exemplificado as ações de várias organizações relacionadas ao suposto “Sistema Fabiano” nos golpes militares do Brasil, Argentina e Chile.

“Os adeptos do fabianismo admitem uma convivência harmônica com as "tradições burguesas" como propriedade privada e economia de mercado, sendo a economia rigidamente regulada e tributada pelo Estado. O estamento burocrático atua por meio de intervenção no mercado global para fomentar a redistribuição da riqueza produzida e assim manter a economia funcionando de acordo com seus desígnios (empresários amigos do regime recebem subsídios governamentais). A redistribuição de renda da sociedade produtiva para a improdutiva, além do beneficiamento da classe privilegiada que possui laços governamentais é outra pauta Fabiana. A submissão empresarial ao regime vigente é amparada por protecionismo tarifário e benefícios escusos, sintetizando assim o cerne do conceito fabianístico de "terceira via" que finalisticamente objetiva a manutenção do *status quo* ou do *stablishment* (sic).” (MACHADO, 2019, p. 52)

Podemos observar um organograma das personalidades do “Sistema Fabiano” nos Estados Unidos na imagem seguinte.

PERSONALIDADES DO SISTEMA FABIANO NOS ESTADOS UNIDOS

COUNCIL ON FOREIGN AFFAIRS					
TRILATERAL COMMISSION					
DIÁLOGO INTERAMERICANO (DI)					
COMISSÃO BIPARTIDÁRIA NACIONAL					
NATIONAL ENDOWMENT FOR DEMOCRACY (NED)	▼	▼	▼	▼	▼
DAVID ROCKEFELLER			●	●	
ZBIGNIEW BRZEZINSKI				●	●
HENRY KISSINGER – <i>Secretário de Estado / Nixon</i>	●	●		●	●
CYRUS VANCE – <i>Secretário de Estado / Carter</i>			●	●	●
GEORGE SCHULTZ – <i>Secretário de Estado / Reagan</i>			●	●	●
SAMUEL HUNTINGTON – <i>Ideólogo Trilateral</i>			●	●	●
HOWARD BAKER – <i>Secretário de Estado / Reagan</i>				●	●
ROBERT MCNAMARA – <i>Secretário de Defesa</i>			●	●	
JIMMY CARTER – <i>Presidente dos EUA</i>			●	●	
BILL CLINTON				?	
GEORGE BUSH (pai) – <i>Presidente dos EUA</i>				●	
Mac GEORGE BUNDY			●	●	
ELLIOT BICHARDSON			●	●	
PAUL VOLCKER				●	
LANE KIRKLAND	●	●			
JOHN SILBER	●	●			
ABRAHAN LOWENTHAL		●	●		
CARL GERSHMAN	●	●			
RICHARD FEINBERG			●		
LOUIS GOODMAN			●	●	

Figura 2: Personalidades do Sistema Fabiano nos Estados Unidos.

Fonte: COUTINHO apud MACHADO, 2019, p. 57.

3.2 - CONCLUSÕES PARCIAIS SOBRE A PRIMEIRA TESE

É importante ressaltar, antes de propriamente iniciar um balanço sobre os pontos principais do texto, que o autor tentou não ser tendencioso em sua análise, como ele mesmo aponta na parte que discute as limitações do método:

“O método escolhido possui limitações, pois por se tratar de uma pesquisa bibliográfica limitou-se às consultas realizadas pelo autor, **que buscou a maior variação possível, é de extrema importância a seleção das fontes que foram utilizadas no trabalho, a fim de se evitar que a análise subjetiva fosse tendenciosa.**” (MACHADO, 2018, p. 19, grifos do redator)

Não pretendo aqui fazer uma crítica ao rigor metodológico da tese (ou ausência de tal) nesta parte, por mais que existam problemas mais esdrúxulos que este, como o universo amostral de uma revisão bibliográfica ser composto pelo Brasil inteiro³⁷. O que é importante notar desta tese é justamente a argumentação do autor, que tem em seu bojo elementos daquilo que previamente observamos no sistema de crenças Olavo de Carvalho. Não importa aqui observar se existem anacronismos históricos na análise, como o fato da Sociedade Fabiana se pautar por Gramsci, ou Gramsci pautar seus escritos pela produção da Escola de Frankfurt; também pouco importa que a metodologia utilizada pelo autor seja completamente falha, algo que certamente é justificável para os seguidores de Olavo, visto que eles operam no registro do pensamento místico típico do Tradicionalismo - onde vale ajustar qualquer informação para o seu próprio viés de confirmação.

A tese e a construção argumentativa do autor segue o *modus operandi* das teorias conspiratórias propagadas internamente para as forças armadas desde o final da ditadura. A ascensão da direita na história recente de nosso país é incompreensível se não levarmos em conta sua convicção não apenas na hegemonia, mas na doutrinação de esquerda, que conquistou corações e mentes por via de um aparelhamento da máquina pública e conquista da narrativa na mídia e na sociedade. Esses elementos são obsessões do Orvil e de Olavo de Carvalho, e na tese podemos observar aquilo que Rocha (2021) define como “ideias-muleta” do sistema de crenças de Olavo: gramscismo, globalismo, extrema imprensa, Lei Rouanet, hegemonia da esquerda, método Paulo Freire, socioconstrutivismo, anticomunismo, etc.

Finalizo esta parte com um breve esclarecimento sobre a Escola de Frankfurt, que foi algo que optei por não discutir de forma aprofundada neste trabalho. Não acredito que seja necessário entrar em detalhes sobre os objetivos de seus trabalhos, ou sobre a Teoria Crítica em si, mas é importante salientar que o objetivo desta escola de pensamento nunca foi o de destruir o ocidente

³⁷ “O universo foi composto pelo Brasil que tem em seu território grande atuação de partidos esquerdistas de viés socialista e a amostra foi constituída por diversas correntes de pensamento marxista, pela afinidade cultural e extremada influência exercida sobre a sociedade brasileira.” (MACHADO, 2018, p. 18)

(caso isso ainda não esteja claro ao leitor). A verdade é que eles buscavam justamente o oposto disso:

“One of the most common lies told about the Frankfurt School is that they hated Western culture or wanted to destroy it or something along those lines. The truth is quite the opposite. Adorno (...) not only respectfully engaged with the history and classics of Western art he was concerned precisely with its destruction by the mechanisms of capital. He was concerned with what happens when the profit motive completely overtakes the cultural life of society culminating in what he and Horkheimer called the culture industry. The culture industry is what happens when, in a society of developed capitalism, cultural artifacts started becoming produced according to a standardizing plan, carefully planned to be as profitable as possible.” (ČEIKÁ, 2019)³⁸

Podemos perceber que Machado e suas fontes - sobre este assunto na maioria das vezes foi citado Cláudio Grass - incorrem no mesmo processo de inversão que Olavo faz em sua crítica à Antonio Gramsci: afirmam que a Escola de Frankfurt teve como objetivo central de seus estudos o desenvolvimento de métodos para padronizar o pensamento e criar um “senso comum” que destruiria o ocidente e a moral ocidental, quando na verdade esta era justamente a crítica dos autores em relação ao que a produção cultural no sistema capitalista fazia com a arte.

Agora, discutirei a monografia *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*, do Maj Cav Mateus Fernandes Brum da Silva. Nela, podemos observar elementos do pensamento olavista na contemporaneidade diferentes dos observados na monografia de Machado, mas que mesmo assim dialogam com os que acabamos de observar, possibilitando um melhor entendimento da cosmovisão desses militares sobre o comunismo e os planos de dominação global das elites na sociedade contemporânea.

3.3 - O GLOBALISMO E O PAPEL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Nesta monografia, Mateus Fernandes Brum da Silva pretende definir o que é o globalismo, discutir sobre seus efeitos na geopolítica contemporânea, e delimitar qual o papel do exército em relação a este problema. Inicialmente, o autor alerta o leitor da tese que o fenômeno possui diversas nomenclaturas, como Governança Global, Nova Ordem Mundial, Poder Mundial, Elite Global e

³⁸ Tradução livre do autor: Uma das mentiras mais comuns contadas sobre a Escola de Frankfurt é que eles odiavam a cultura ocidental, que queriam destruí-la ou algo nesse sentido. A verdade é o oposto disso. Adorno (...) não apenas respeitosamente engajava com a história e os clássicos da arte ocidental em suas discussões, mas também se preocupava justamente com sua destruição pelos mecanismos do capital. Ele estava preocupado com o que acontece quando a busca por lucro supera completamente a vida cultural da sociedade, culminando no que ele e Horkheimer chamam de indústria cultural. A indústria cultural é o que acontece quando, em uma sociedade de capitalismo desenvolvido, os artefatos culturais passam a ser produzidos segundo um plano normatizador, cuidadosamente planejado para ser o mais rentável possível.

Governo Mundial, mas para fins práticos, todas essas expressões são tratadas como sinônimos ou desdobramentos do Globalismo.

Para explicar o que é o globalismo, Brum cita Felipe Martins³⁹, que identifica o objeto de estudo como uma ideologia que acredita que os problemas atuais são melhor abordados dentro de uma perspectiva global. Neste sentido, as instâncias decisórias nacionais seriam substituídas, em certa medida, por instâncias decisórias supranacionais, com destaque evidente para as Organizações Internacionais, em especial a ONU. Complementar a essa análise, Olavo de Carvalho caracteriza o Globalismo como um movimento revolucionário que apresenta um projeto civilizacional completo, abrangendo uma "mutação radical não só das estruturas de poder, mas da sociedade, da educação, da moral e até das reações mais íntimas da alma humana" (CARVALHO apud SILVA, 2019, p. 12). Este aspecto revolucionário do Globalismo é central em seu trabalho, pois de acordo com o autor ele gera profundos impactos no Brasil e é papel de seu Exército defender sua pátria desses aspectos.

O fundamento histórico do globalismo é duplo: um deles foi identificado por Olavo de Carvalho, e o outro pode ser encontrado na filosofia idealista de Immanuel Kant. No livro *O Jardim das Aflições* (2015), Olavo identifica que o objetivo de se criar um Império Global no ocidente existe desde o Império Romano, e as tentativas modernas disso seriam apenas reedições do passado. A finalidade da recriação de uma "Roma global", pode ser sintetizada na meta consubstanciada do termo Pax Romana. Esta seria, adaptando-se ao tempo atual, a Paz Mundial, gerada por meio da criação de um Império que tudo regularia, como Roma a seu tempo.

Para o segundo fundamento, podemos observar na obra do filósofo prussiano *À Paz Perpétua* - escrita originalmente em 1795 - uma materialização da ideia da paz mundial por meio de uma sociedade internacional regulada. De acordo com Brum, Kant advoga pela criação de organismos supranacionais que evitariam a guerra entre os Estados. O Império global previsto no *Jardim das Aflições* não viria pela expansão de uma nação em particular, como Roma em sua época, ou os EUA nos tempos atuais. Este seria gerado artificialmente, por meio da criação de uma "burocracia tecnocrata de nível mundial que definiria o que cada nação deveria fazer" (SILVA, 2019, p. 13). Este projeto kantiano começa a sair do papel após a Primeira Guerra Mundial com a formação da Liga das Nações, mas falha devido a ausência dos EUA na Liga e a conjuntura que levou à Segunda Guerra Mundial.

O autor dá destaque também à crise do modelo econômico liberal e a criação dos magnatas da indústria e das finanças. Até 1929, o capitalismo liberal demonstrava toda sua eficiência como

³⁹ Filipe Martins dos Santos é um político brasileiro, filiado ao Partido Liberal. Professor de Política Internacional e analista político, foi Assessor Especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República durante o governo Bolsonaro.

modelo econômico, mas com a crise da bolsa de valores figuras como Rockefeller, Carnegie, J.P. Morgan e os Rothschild perceberam que o sistema liberal que alçou estas famílias à casa dos bilhões de dólares, a partir deste momento, passa a ser um risco aos ganhos destes mesmos bilionários. O livre mercado, portanto, seria um risco, pois novos atores e ideias poderiam sobrepujar antigos arranjos, diminuindo o poderio econômico destes agentes, até então vitoriosos no mundo liberal. A conclusão desses magnatas seria a de que por mais capacidade financeira que pudessem acumular, esta situação jamais seria estabilizada sem a posse do poder político e burocrático. O resultado de tudo isso é o que segue: os grandes capitalistas transcendem sua condição meramente econômica e passam a apoiar movimentos estatizantes, tornando-se aquilo que Olavo de Carvalho (2004), em seu artigo *História de Quinze Séculos*, chama de *metacapitalistas*. Isto é, os grandes capitalistas passam a apoiar movimentos como o Comunismo, Socialismo ou qualquer outro com um caráter estatizante - como o *keynesianismo* que “invade” os EUA por via do *New Deal*⁴⁰.

A Nova Ordem Mundial viria como uma “materialização” da ideologia globalista em termos políticos e geopolíticos, pois seria o conjunto de iniciativas que teriam como objetivo a criação de um governo mundial, que, embora pudesse estar estruturado em camadas, seria centralizado em uma entidade global. Em relação a Governança Global, Sérgio Avellar Coutinho define-a como uma nova ordem mundial caracterizada por um sistema transnacional de gestão. Se estabeleceria um pacto global, onde seria aceita uma autoridade normativa, judiciária e executiva que transcenderia a soberania das nações, com destaque para a ONU como o principal candidato a exercer esta “autoridade global”.

A simbiose perfeita da ideia imperial no mundo ocidental seria a de que grandes capitalistas bilionários desejam ter o controle sobre o processo político-social, a fim de se tornarem um poder dinástico durável por diversas gerações. Após duas guerras mundiais uma instância supranacional foi criada (a ONU), com potencial para ser uma burocracia global. A maneira de controlar o processo político-social, em um mundo globalizado pelo mercado, seria tomando controle desta organização e instrumentalizando esta para que se torne uma instância de governança global. Existem, entretanto, dois impasses para que este império mundial se consolide de forma plena.

O primeiro é o fato de que o liberalismo não atua, no ocidente em especial, apenas no campo econômico. Ideias liberais no campo político, muito restritas aos arranjos locais e nacionais, como a democracia representativa, a liberdade de expressão e de religião, e a própria aceitação das

⁴⁰ O autor chega ao ponto de argumentar que a economia fascista se aproxima bastante do que foi o *New Deal*, e que o modelo econômico chinês, “bastante semelhante ao fascista”, é a síntese dos desejos da Elite Financeira Ocidental e foi apoiado pela família Clinton.

diferenças culturais, são empecilhos para que o poder global seja exercido de forma absoluta pelas elites globalistas. Neste sentido, a Nação norte-americana - não o *deep state* globalista que a controla, mas sim seus cidadãos historicamente formados com base nos ideais dos *Founding Fathers* - são o maior “inimigo interno” do globalismo ocidental⁴¹. Os EUA teriam sido uma das únicas nações do mundo a sintetizar os aspectos do liberalismo econômico e político, em particular o fervor da participação democrática e o livre mercado, com a moral judaico-cristã. Tudo isso estaria diametralmente oposto à ideologia globalista, que busca combater este liberalismo que perdura na população estadunidense diariamente pelo estamento burocrático global.

O segundo entrave para a dominação global é que o ideal de dominação global não é exclusividade do mundo Ocidental. Dois outros movimentos paralelos ainda têm em seus escopos planos de dominação global: o MCI e o Islamismo, como já apontado por Olavo em seu debate com Alexander Dugin. Porém, estes dois movimentos não têm a envergadura do globalismo ocidental, e acabam sendo instrumentalizados pelas elites para seus planos de dominação mundial. Exemplos disso seriam o financiamento de comunistas pelo Sistema Fabiano ou pela Open Society de George Soros, ou o fato de que o Rei Charles é membro de uma Tariqa - em específico a Tariqa de Frithjof Schuon, da qual Olavo fez parte⁴².

A “vocação global” do comunismo se encontra nas iniciativas realizadas pelos revolucionários de esquerda durante a história. No *Manifesto do Partido Comunista* (1848), Karl Marx e Friederich Engels apresentam a ideia da luta de classes como motor da história, independentemente do sentido nacional, prevendo que o mundo caminhava, irremediavelmente, para a dialética final entre os proletários e a burguesia, cujo desfecho seria a implantação do Comunismo em todo mundo, que resultaria também na paz mundial (por isso a frase “*Trabalhadores do mundo: uni-vos*”). A busca pela concretização deste projeto se inicia com a Primeira Internacional em 1864 (a data de nascimento oficial do Movimento Comunista Internacional). Após a Segunda Internacional de 1889 criada por Engels, mas tendo como principais representantes Karl Kautsky e Émile Vandervelde, surge a Terceira Internacional, a Internacional Comunista ou *Komintern* em 1919, com alcance global. Por meio deste órgão central, combinado com a atuação dos serviços secretos da própria URSS (KGB), foram difundidas ideias e técnicas de tomada do poder em todo o mundo. De acordo com Brum, o *Komintern* encontrou no Ocidente um conjunto de nações receptivas à subversão, se infiltrando em vários aparatos importantes como a

⁴¹ Este é o mesmo argumento usado por Olavo no debate que realizou com Dugin, algo que Brum também discute em sua monografia.

⁴² Sobre este último ponto, além do livro de Teitlebaum já citado, existe esta fala de Olavo sobre a relação entre o Rei Charles, Frithjof Schuon e Martin Lings: <https://www.youtube.com/watch?v=2CnCQk6MGzw> (acesso em: 04/03/2023)

mídia, universidades, Forças Armadas, entre outros. A revolução proletária prevista por Karl Marx jamais aconteceu, e depois das críticas à concepção revolucionária original marxiana surgem os estudos da chamada *Escola de Frankfurt* e as análises do então prisioneiro do governo fascista da Itália, Antonio Gramsci. Isto, entretanto, já foi analisado na tese anterior.

De acordo com o autor da tese, um fenômeno bastante inesperado para um país supostamente comunista aconteceu após a queda da União Soviética: o surgimento dos bilionários russos. Teoricamente, “em um país cujo capitalismo e o mercado não existiam” (SILVA, 2019, p. 18), isso seria impensável. A explicação disso para Brum se encontra nas obras de Ludwig Von Mises, que comprovou ser impossível realizar um cálculo econômico sem cálculo de preços, e portanto seria impossível o cálculo de preços fora de uma economia de mercado. A economia comunista seria empiricamente impossível, e mesmo na URSS o capitalismo existia de forma clandestina. Com o fim da União Soviética, as elites globalistas perceberam que o comunismo nunca iria acontecer, mas sua estratégia no campo cultural tinha grande potencial para seus planos de dominação global.

Já em relação ao Islamismo, podemos identificar seu caráter globalista na base doutrinária do Profeta Maomé:

“O sentido globalista da religião e da ideologia política do islã, aspectos que acabam se fundindo, em última análise, é bem descrito por Kissinger (2015), na obra *Ordem Mundial*. Os islâmicos, basicamente, dividem o mundo em *dar al-Islam*, a “Casa do Islã” ou o domínio da paz, governado por um Califado; e o *dar al-harb*, o domínio da guerra, não islâmico. A missão do islã seria incorporar essas regiões ao seu mundo, a fim de alcançar a paz universal. Não difere muito daquilo que já foi descrito como a busca da Pax Romana. A estratégia para alcançar este estado de coisas é a Jihad, dever obrigatório de todo islâmico no sentido de expandir sua fé por todo o mundo, por qualquer meio.” (SILVA, 2019, p. 16)

O que se apresenta no mundo hoje seria a instrumentalização da jihad islâmica e da Revolução Cultural Comunista por parte dos globalistas ocidentais. A primeira é a principal ferramenta para subjugar culturalmente a Europa e a segunda serve para que as elites tomem posse do poderio Norte-americano. De acordo com Brum, a primeira não tem ação efetiva no Brasil, mas a segunda possui ações claras no país (como vimos na tese de Machado). A ameaça considerada em sua tese é a da Guerra Cultural, empreendida pelos globalistas ocidentais utilizando-se das estratégias culturais dos marxistas como Gramsci e a Escola de Frankfurt.

Qual seria o papel do Exército Brasileiro diante dessas ameaças? De acordo com Brum, é evidente que a ação destas ideologias políticas aparelhadas pelas elites globalistas é uma ameaça às soberanias nacionais. Não só isso, mas essa ameaça à soberania é de teor mais profundo do que aquelas discutidas em instâncias militares, como violação do território, espaço aéreo, entre outras. A

guerra cultural eleva esses ataques à soberania nacional a outro patamar, colocando em risco não apenas a soberania, mas até mesmo aquilo que se define como Pátria.

A Pátria, de acordo com o autor, engloba todos os aspectos existentes no Estado, país, nação e soberania⁴³, adicionando fatores históricos que, em última análise, são os geradores dos valores nacionais e de sua cultura. A Pátria viria do mandamento bíblico “honrar pai e mãe”, sendo a materialização dos grandes feitos em comum, por todos os brasileiros, de todas as épocas. A bala de prata que justificaria a defesa de nossa Pátria contra esses ataques globalistas se encontra no Artigo 142 da Constituição de 1988, em que se afirma que:

“IArt. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e **destinam-se à defesa da Pátria**, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.(grifos nossos)” (BRASIL apud SILVA, 2019, p. 19, grifos do autor)

Este trabalho ficaria muito extenso se entrássemos em muitos detalhes específicos das ações que Brum recomenda para combater o globalismo, mas é necessário discutir sobre aquilo que o autor entende como Estratégia de Dissuasão necessária para esse conflito. A dissuasão, que seria uma demonstração a possíveis agressores de que a resposta a um ataque será de tal forma violenta e efetiva que sua vitória será muito improvável, “(...) envolve o desenvolvimento e a manutenção de uma Força Terrestre altamente adestrada, com eficiência logística e equipamentos adequados para fazer valer tal dissuasão” (SILVA, 2019, p. 89). Seria preciso apreciar corretamente o tipo de guerra que está sendo conduzida contra a nação, e fazer frente à ameaça identificada.

Para o autor, a natureza das circunstâncias impede que a Força Terrestre alcance a dissuasão no nível que deseja e na necessidade real de um país das dimensões e riquezas do Brasil, mas a questão psicossocial - “expressão do poder nacional por muitas vezes esquecida” (SILVA, 2019, p. 90) - seria um dos centros de gravidade para alcançar o nível de Defesa que o Brasil necessita. Mesmo que a guerra travada seja ideológica e cultural, isso não exclui de maneira alguma a ocorrência, mesmo a curto prazo, de um conflito com características convencionais. Por esse motivo, seria necessário o desenvolvimento da mentalidade de defesa e a integração da expressão militar à sociedade, dois pontos que justificariam uma presença mais ativa do exército na sociedade. Para Brum, a Concepção Estratégica do Exército apresenta os dois aspectos fundamentais da Estratégia da Presença que conectam essa com a Estratégia de Dissuasão:

“- o primeiro, direcionado à expressão militar, no qual a presença militar, no território nacional, tem por finalidade cumprir a destinação constitucional, sendo

⁴³ Em suma, para o autor o conceito de Estado tende a se referir às características político-administrativas; o de país evoca a localização territorial; a nação engloba as similitudes no campo humano; e a soberania significa a liberdade de tomar decisões sem pressões exteriores.

efetivada pela criteriosa articulação das organizações militares no território nacional e pela capacidade de rápido deslocamento de tropas para qualquer região do País, caracterizando a mobilidade estratégica.

-no segundo aspecto, **direcionado às expressões psicossocial e política**, baseia-se no **desenvolvimento da mentalidade de defesa** e pela integração da expressão militar à sociedade. **As Estratégias da Dissuasão e da Presença estão intimamente ligadas, ou seja, o sucesso de uma contribui para o sucesso da outra.** (BRASIL apud SILVA, 2019, p. 90, grifos do autor)”

3.4 - CONCLUSÕES PARCIAIS SOBRE A SEGUNDA TESE

A monografia analisada certamente nos ajuda a entender muitos dos elementos que observamos anteriormente neste trabalho. A narrativa olavista é colocada em prática, e se torna possível compreender melhor a visão que os seguidores desse sistema de crianças possuem da história de nossa sociedade, e como essa visão justifica as ações tomadas pelos militares na história recente de nosso país. As teses de Brum e Machado se complementam, possibilitando um melhor entendimento de como o anticomunismo da Guerra Fria se metamorfoseou, mantendo seu lugar como uma das principais ferramentas do arcabouço retórico utilizado pelo Exército para justificar sua intervenção na política brasileira novamente em 2018.

O autor não apenas justifica a intervenção na política pelo Exército por via da campanha e do governo do ex-presidente Bolsonaro, mas Brum vai além, afirmando que

“Se a guerra é cultural, o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), evidentemente, apresenta-se como uma ferramenta para influenciar neste sentido. De igual maneira, as Escolas de Formação e os Colégios Militares são escolas de civismo, e a difusão dos valores nos estabelecimentos subordinados ao citado Departamento é, certamente, um dos seus principais objetivos.

Neste sentido, o papel do DECEX cresce ainda mais de importância, pois, além de repassar os citados valores, seus estabelecimentos formam os líderes, militares e **civis**, que serão essenciais na difusão dos mesmos.” (SILVA, 2019, p. 92, grifos do autor)

Ele em seguida alerta para um possível perigo no enquadramento do ensino militar ao Ministério da Educação, pois de acordo com ele esse mesmo ministério possui uma “metodologia de mudança psicológica mundialista”. As modernizações do ensino dentro do Exército para ele devem ser cuidadosamente avaliadas, “para que não sejam simplesmente um cavalo de Tróia de uma ideologia totalmente contrária às características e valores da instituição e da nação” (SILVA, 2019, p. 94).

O autor aqui não apenas faz uma apologia para uma maior atuação do ensino militar, mas também prega que esse ensino seja completamente controlado por um Exército profundamente influenciado por dogmas olavistas pseudocientíficos. A todo momento a tese cria uma narrativa de que o Exército é o último bastião de defesa contra os ataques globalistas que visam destruir o

Brasil, e que seria um erro qualquer interferência curricular nas academias militares vindas de um Ministério da Educação altamente ideologizado. Ao mesmo tempo, seria o papel dos militares salvar o país dessa mesma ideologia exótica custe o que custar, inclusive se isso envolver uma “(...) abertura de instituições como a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) para pesquisas conduzidas por cidadãos provenientes do meio acadêmico civil” para a “(...) disseminação dos nossos valores e da mentalidade de Defesa”. (SILVA, 2019, p. 95)

É importante discutir também sobre alguns erros que apareceram na análise do autor desta monografia, erros que demandam um esclarecimento maior pois não podem ser inferidos com base no que já foi discutido anteriormente neste trabalho. Não pretendo entrar em detalhes em relação às limitações da teoria proposta pelos economistas da Escola Austríaca, mas é mister apontar que a simplicidade da metodologia desta escola em quesitos analíticos é tão grande, que a teoria econômica proposta por eles é repleta de falhas, contradições internas e externas - isto é, a estrutura política e social do mundo observável não condiz com o que afirma a teoria austríaca. Isso torna impossível reconhecer a realidade concreta apenas com base nesta teoria econômica (RONCAGLIA, 2022). Um exemplo disso é a crença de que o mercado se tornaria inexistente na sociedade comunista para os austríacos, algo que não faz sentido algum pois o mercado é uma categoria histórica que antecede o próprio modo de produção capitalista e não deixa de existir em outros modos de produção.

A utilização excessiva do austríaco Ludwig von Mises pela direita também deve ser destacada. Uma das figuras mais extremistas da Escola Austríaca, suas posições libertárias, como a intransigente da defesa da propriedade privada e do livre mercado, chegaram ao ponto até mesmo de uma aberta defesa do fascismo como um regime emergencial para se defender a civilização européia contra o bolchevismo:

“No panfleto ‘*Liberalism*’ (2002), escrito em 1927, von Mises faz uma apologia da ideologia liberal então em crise, propondo sua renovação. Dentre outras coisas, o livro trata do fascismo, então no poder na Itália. No livro, von Mises faz a seguinte apreciação do fascismo: ‘Não se pode negar que o Fascismo e movimento similares visando o estabelecimento de ditaduras são repletos das melhores intenções e que suas intervenções têm salvo a civilização Européia até agora. O mérito que o Fascismo ganhou desse modo para si viverá eternamente na História. Mas embora sua política tenha trazido a salvação até o momento, ela não é do tipo que pode prometer um sucesso continuado. O Fascismo foi um improviso emergencial. Vê-lo como algo mais do que isso seria um erro fatal.’ (von Mises, 2002, p. 51, tradução do autor.)”. (AUGUSTO, 2015, p. 418)

Complementar a isso, o surgimento dos oligarcas russos não foi por causa de um “capitalismo clandestino”. Na verdade, é justamente o oposto: a existência deles foi resultado do plano de transição da economia centralizada da União Soviética para uma de *laissez-faire*, tendo

como destaque duas medidas. A primeira foi a exploração de um esquema criado por Anatoly Chubais para eliminar a propriedade estatal e transformá-la em propriedade privada, em que muitos cidadãos russos que receberam um bônus que representava sua parcela da riqueza nacional venderam esse mesmo bônus por um preço extremamente baixo a poucos compradores, que acumularam uma enorme fortuna em ativos remanescentes da economia soviética falida. A segunda foi a privatização de empresas estatais a preços reduzidos devido a uma nova política econômica implementada por Yegor Gaidar, que tirou da mão do Estado o controle dos preços. Aproveitando a lacuna entre oferta e demanda que se vivia na época, os futuros oligarcas começaram a importar bens baratos e passaram gradualmente a negociar produtos mais avançados, acumulando renda suficiente para comprar essas estatais por preços baixos.

CONCLUSÕES

A exposição e análise das monografias e conceitos ao longo deste trabalho envolvendo o anticomunismo e como esta ideologia foi incorporada às Forças Armadas evidenciam, primeiramente, que o anticomunismo ainda cumpre no imaginário dos militares o papel de legitimar suas possíveis intervenções na sociedade civil. De certa forma, a ECEME dá continuidade àquilo que Leirner observou em sua pesquisa nos anos 1990: colocar-se como um centro de organização de elites (papel que cabia à Escola Superior de Guerra antes da ECEME), disseminando seus valores e sua mentalidade de Defesa.

Em segundo lugar, apesar dos antagonismos entre os militares e Olavo de Carvalho no final de sua vida, o ideólogo da extrema-direita se manterá vivo nos ensinamentos das instituições militares. Isso decorre do fato de que a ascensão e fama do filósofo apenas pode ser entendida quando observamos sua relação com os militares: desde os anos 1990 Olavo foi um porta-voz de suas opiniões na mídia, além de ser um admirador de Sérgio Avellar Coutinho, importante figura para a divulgação - e atualização - das idéias anticomunistas nas Forças Armadas após a ditadura militar. Por conta de seu sistema de crenças caótico (é importante lembrar que Olavo cumpre um papel similar ao de um “pregador de peças” com sua filosofia), os militares conseguiram se utilizar de suas teorias mirabolantes sobre os planos de dominação mundial pelos globalistas, comunistas e islâmicos para causar o caos cognitivo necessário para retornarem ao poder.

É importante se atentar aos seguintes aspectos que nos ajudam a compreender o retorno dos militares à política. O primeiro é que na história de nosso país, os militares não tomaram o poder somente em momentos em que o “perigo comunista” existia, e também não fizeram isso apenas em momentos em que estavam (ou se sentiam) ameaçados. A ameaça do comunismo (ou o que eles entendem como tal), entretanto, se tornou a principal justificativa para eles intervirem na sociedade civil nas duas últimas vezes que fizeram isso. O segundo é que se o perigo do comunismo não existe, o que ocorre é justamente o aparelhamento do comunismo como desculpa ou roupagem pelos perpetuadores dessa narrativa para esconderem suas intenções. Essa roupagem, que Marin define em seu livro *Carta no Coturno: A volta do partido fardado no Brasil* como um “ethos mobilizador”, depende de quais forças estão em ascensão no momento específico que se busca tomar o poder, somadas a certo *zeitgeist* que possibilita a conquista do poder por estas forças.

Dado este contexto, acredito que ao analisarmos a visão do Exército sobre o que eles entendem como comunismo nas monografias da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, conseguimos observar uma importante faceta da identidade militar nos dias atuais. Tenho ciência de que ainda existe um rico material a ser explorado sobre este tema, como as publicações da

BIBLIEX sobre o mesmo assunto, e até mesmo outras teses que podem ser encontradas tanto na Biblioteca Digital do Exército (<https://bdex.eb.mil.br/jspui/>) quanto na Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (<https://consultaredebie.decex.eb.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php>). Apesar disso, acredito que esta pesquisa alcançou seus objetivos e abriu caminhos para que futuras pesquisas possam ser realizadas de forma a enriquecer os estudos sobre militares no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Chico. Contra posição do comandante do Exército, Clube Militar vai celebrar 31/03. UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/03/13/contra-posicao-do-comandante-do-exercito-clube-militar-vai-celebrar-3103.htm> Acesso em: 16/03/2023.
- ANDRÉ PEREIRA. Professor Olavo de Carvalho - Livre Mercado e Socialismo Global. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FOrCr8e47hI> Acesso em: 20/02/2023.
- ANDRÉ RONCAGLIA. Escola Austríaca é uma armadilha. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lxv6fEHB7o> Acesso em: 04/03/2023.
- ARNS, Paulo Evaristo. Brasil: nunca mais. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- AUGUSTO, André Guimarães. O que está em jogo no “Mais Mises, menos Marx”. Rio de Janeiro: Marx e o Marxismo v.2, n.3, ago/dez 2014.
- BAND JORNALISMO. "O trabalho maior é de pacificação", diz Múcio sobre grupos extremistas | BandNews TV. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnvJzti8ahc>. Acesso em 10/02/2023.
- BARRETO, Rafael José Vieira. Análise comparativa da Liderança Militar e Empresarial no contexto do mundo VUCA : desafios e oportunidades. Rio de Janeiro: ECEME, 2019.
- BRASIL. Lei Complementar nº 97 de 9 de junho de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/LCP/Lcp97.htm Acesso em: 14/02/2023.
- CASTRO, Celso. A Invenção do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CARLOS ALBERTO JR. General Tomás Ribeiro Paiva e a politização do Exército. Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/anYtkdnoGHE?t=474> Acesso em: 03/03/2023.
- CARLOS ALBERTO JR. “Menos Marx, mais Mises”, com Camila Rocha. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4MB9PzMjF9SgOwpLqVjqxq?si=zzUMVfnBQIyD9WRxk90JpA&nd=1> Acesso em: 20/02/2023.
- CARLOS BOLSONARO. BOLSONARO É RECEPCIONADO POR ASPIRANTES DA AMAN (NOV/2014). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MW8ME9S87SI> Acesso em: 03/03/2023.
- COUTINHO, Sergio A. de A. A revolução gramscista no Ocidente. Estandarte Editora, 2002.
- COUTINHO, Sergio A. de A. Cenas da Nova Ordem Mundial. Biblioteca do Exército, 2010.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado - Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DREIFUSS, René Armand. A Internacional Capitalista: Estratégias e Táticas dos Empresariado Transnacional (1918-1986). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

ECEME. A Escola. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.eceme.eb.mil.br/insti> Acesso em: 09/02/2023.

GABRIEL GARTZEN. Olavo de Carvalho responde ao cocô chamado Pirula. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9gBqNjtahQQ> Acesso em: 01/03/2023.1

HOFFMAN, David Emanuel. The Oligarchs: Wealth and Power in the New Russia. Nova York: PublicAffairs, 2002.

INSTITUTO MEIRA MATTOS. Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Ciência Militares - *Stricto Sensu*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.eceme.eb.mil.br/www.eceme.eb.mil.br/index.php?option=com_k2&view=item&task=download&id=176_c8227ba2866a1b6ce282e7149f0ace09 Acesso em: 09/02/2023.

INSTITUTO ROTHBARD. Claudio Grass. Disponível em: <https://rothbardbrasil.com/author/claudio-grass/> Acesso em: 03/03/2023.

IUBEL, Aline Fonseca. CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (org.). Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 242 p.. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 141-145, dez. 2009. ISSN 2317-6830. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/20262>>. Acesso em: 06/03/2023.

JONAS ČEIKÁ. The Emoji Movie, Adorno and the Culture Industry. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-m_7G31yh4 Acesso em: 01/03/2023.

LEIRNER, Piero. O Exército e a Questão Amazônica. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. vol. 8. n. 15, 1995, p. 119-132.

LEIRNER, Piero. Meia-volta volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

LEIRNER, Piero. O Brasil no espectro de uma guerra híbrida : militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. 1. ed. São Paulo : Alameda, 2020.

LIMA, Samuel. Boato sobre 'decálogo de Lenin' adapta farsa difundida na época da Guerra Fria. Estadão, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/boato-sobre-decalogo-de-lenin-adapta-farsa-difundida-na-epoca-da-guerra-fria/> Acesso em: 09/02/2023.

MACHADO, Francisco. A evolução do pensamento marxista e a luta pela hegemonia cultural. Rio de Janeiro: ECEME, 2019.

MACHADO, M. G.; COLEVATI, J. Anticomunismo e Gramscismo Cultural no Brasil. Seção Dossiê Aurora, Marília, v.14, p. 23-34, 2021.

MARTINS FILHO, João Roberto. A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 23 No. 67, 2008.

MARTINS FILHO, João Roberto. O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1969). São Paulo: Alameda, 2020.

MARTINS FILHO, João Roberto (org.). Os militares e a crise brasileira. São Paulo : Alameda, 2021.

MARX, Karl. O 18 de Brumário de Louis Bonaparte. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/brumario/index.htm> Acesso em: 09/02/2023.

MARX, Karl. A Questão Irlandesa. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1869/11/questao.htm> Acesso em: 09/02/2023.

MENDES, Lucas. Consórcio de Generais atua para reestruturar o Estado, diz antropólogo. Poder 360, 12/10/2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/brasil/consorcio-de-generais-atua-para-reestruturar-o-estado-diz-antr-opologo/> Acesso em: 13/03/2023

MOTTA, R. P. S. Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2. ed. Niterói: Eduff, 2020 (2002).

MOTTA, R. P. S. A tradição anticomunista no Brasil, as eleições de 2018 e o início da era Bolsonaro. História da ditadura: novas perspectivas, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/38662012>. Acesso em: 19/02/2023.

NETO, Manuel Domingos. O projeto de poder do Partido Militar até 2035. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 18, n. 37, p. 21–35, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/8649>. Acesso em: 4/03/2023.

ORTEGA, André; MARIN, Pedro. Carta no Coturno: A volta do partido fardado no Brasil. 1º ed. São Paulo: Baioneta, 2019.

PEDRETTI, Lucas. Os ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura. Agência Pública, 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/#Link1> Acesso em: 14/02/2023.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, Marcelo, REIS, Daniel Aarão, MOTTA, R. P. S. A ditadura que mudou o Brasil 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico Ultraliberal e os Protestos Pró- Impeachment de Dilma Rousseff. Rio de Janeiro: *Dados*. 2019. Vol. 62(3). DOI: 10.1590/001152582019189

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio (Crônicas de um Brasil pós-político)*. Goiânia: Caminhos, 2021.

RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 463-488, 2002.

SILVA, Mateus Fernandes Brum da. *O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: ECEME, 2019.

SILVA, Emerson Rodrigues da. *Os Cem anos da Revolução Russa (1917- 2017) e os reflexos para o Brasil*. Rio de Janeiro: ECEME, 2018.

SFILIMBERGO, Jorge Enea. *A Questão Nacional em Marx*. Florianópolis: Insular, 2002.

TEITLBAUM, Benjamin R. *Guerra pela Eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.